



MESTRADO
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Reacendendo Memórias

Daniela Helena Rodriguez Alves Ferreira

M

2018



Reacendendo Memórias

Daniela Helena Rodriguez Alves Ferreira

Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, no domínio de Educação, Comunidades e Mudança Social, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Maria Teresa Guimarães de Medina

Porto, 2018

Pelas mãos do meu avô...

*Agradeço infinitamente ao homem que fez ser quem eu sou através de todo o seu amor,
Nada disto seria possível se, graças ao seu enorme coração ele não me tivesse encorajado
a entrar na faculdade e, mais tarde a realizar o Mestrado.*

*Mal eu sabia que na mesma semana em que começava esta jornada ele deixaria de estar
ao meu lado fisicamente mas sempre no meu coração.*

Obrigada meu avô, meu pai, meu tudo.

Você, a avó e a nossa linda família são o motivo deste documento ser hoje uma realidade

Resumo

O presente relatório é produto do processo de estágio realizado entre outubro de 2017 e maio de 2018, no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, no domínio de Educação, Comunidades e Mudança Social. O estágio desenvolveu-se no âmbito do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Espinho e decorreu nos espaços o FACE e da Biblioteca Municipal de Espinho José Marmelo Silva. Este relatório, intitulado “Reacendendo Memórias”, reflete sobre projeto que, no âmbito do mestrado, foi proposto e aceite pela Câmara Municipal de Espinho, tendo como objetivo a recolha de memórias dos trabalhadores da Fosforeira Portuguesa em Espinho, de forma a contribuir para a divulgação de um olhar sobre a história dos seus operários e o impacto que esta indústria teve, enquanto espaço de formação e participação cívica.

Partindo das histórias de vida de ex-trabalhadores da Fosforeira Portuguesa em Espinho, o presente documento é resultado de um trabalho de investigação que procura constituir um contributo para o estudo e reflexão sobre diversas abordagens de formação de adultos e sobre o papel que a formação informal pode desempenhar no decorrer da vida dos sujeitos e de toda uma comunidade, através dos conhecimentos e valores que vão sendo adquiridos dentro do contexto de trabalho, que se constituíram como instâncias formativas e de intervenção social.

A partir dos discursos de diferentes interlocutores e de diversas fontes a imprensa local, propus-me estudar e documentar uma realidade que era bastante significativa para mim, as vivências e experiências que atravessaram o meu município durante oito décadas, e que, ainda hoje fazem parte do nosso património enquanto espinhenses. Trata-se de histórias individuais e familiares e, acima de tudo comunitárias e identitárias de Espinho. As paredes caíram, mas os “filhos da Fosforeira” tinham e têm muito que partilhar com Espinho, memórias que nunca foram contadas à cidade depois que as portas se fecharam. A preservação das memórias dos trabalhadores da Fosforeira vem enaltecer as representações sobre as vivências que tiveram lugar no contexto, assim como os significados que foram atribuídos às mesmas. Com este registo visa-se a criação de um espaço permita repensar o passado e, assim, poder contribuir para a construção do futuro.

Palavras-chave: Memórias do Trabalho; História Oral; Fosforeira Portuguesa

Abstract

This report is the product of the process of training carried out between October 2017 and May 2018, under a Master in Education Sciences, domain of Education, Communities and Social Change. The stage had space in the FACE and the Municipal Library. This report, titled “ Rekindling memories”, is a project that was proposed and accepted by the city of Espinho, that aims at collecting memories of the Fosforeira workers, in order to contribute to the disclosure of a look on the history of its workers and the impact that this industry had, while training space and civic participation.

Starting from the life stories of former workers of the Portuguese Fosforeira in Espinho, this document is the result of a research that seeks to provide a contribution to the study of various approaches to adult learning and of the role of informal training can play during the life of the subject and of an entire community, through the knowledge and values that are being transmitted, in this particular case, within the context of work, which constituted as training bodies and social intervention.

Due to the use of informants' speeches and supplementing with local news sources, I set myself to studying and documenting a reality that was quite expensive, the experiences that cross my city for eight decades, but which still today form part of our heritage while “espinhenses”. The rescue of the Fosforeira memories became imperative since its walls were knocked down. And they took hundreds of voices that History never stopped talking. These are individual stories, but most of all, family and community identity. The walls have fallen, but the "sons of the Fosforeira" had a lot to share with Thorn, memories that never were spoken to the city after the doors closed. The preservation of memories Fosforeira workers come praise the representations about the experiences that have taken place in the connection, as well as the meanings that have been assigned at same. the result of this registry aims to create a space to rethink the past and thus able to bring contributions to the construction of the future.

Key-words: Work memories, Oral history, Fosforeira Portuguesa

Résumé

Ce rapport est le produit du processus de stage effectué entre octobre 2017 et mai 2018 dans le cadre du Master en sciences de l'éducation de la Faculté de psychologie et des sciences de l'éducation de l'Université de Porto, dans les domaines de l'éducation, des communautés et du changement social. La FACE et la bibliothèque municipale d'Espinho et la bibliothèque municipale José Marmelo Silva ont eu lieu pendant le stage et se sont déroulées d'octobre 2017 à mai 2018. Ce rapport, intitulé "Reacendendo Memórias", traite d'un projet proposé et accepté par le conseil municipal d'Espinho, dont l'objectif est de recueillir des souvenirs des travailleurs portugais de Fosforeira à Espinho, afin de contribuer à la diffusion d'un regard sur l'histoire de ses travailleurs et l'impact de cette industrie en tant qu'espace de formation et de participation citoyenne.

Fondé sur les récits de vie d'anciens travailleurs du portugais Fosforeira à Espinho, ce document est le résultat de recherches visant à contribuer à l'étude et à la réflexion sur les différentes approches de l'éducation des adultes et sur le rôle de la formation à travers les connaissances et les valeurs transmises dans le contexte du travail, qui ont été constituées en tant qu'instances d'intervention formatrice et sociale.

En raison de l'utilisation des discours des interlocuteurs et des sources de la presse locale, j'ai proposé d'étudier et de documenter une réalité qui m'était très chère, les expériences et les expériences qui ont traversé ma municipalité pendant 8 décennies, mais elles font toujours partie de notre patrimoine en tant que sprinteurs. Le sauvetage des souvenirs de la Fosforeira est devenu impératif depuis que ses murs ont été renversés, entraînant avec eux des centaines de voix que l'histoire ne laisse jamais parler.

Les travailleurs ont eu l'occasion dans ce travail de sauver des souvenirs d'événements et de personnes qui ont marqué leur histoire, ainsi que leurs parcours de formation. Les conservations de la mémoire des travailleurs de Fosforeira viennent exalter les représentations sur les expériences vécues dans le contexte, ainsi que sur les significations qui leur ont été attribuées. Le résultat de cet enregistrement est la création d'un espace pour repenser le passé et ainsi pouvoir contribuer à la construction du futur.

Mots-clés : Souvenirs de travail, Histoire orale, Fosforeira Portuguesa

Agradecimentos

A todos os filhos da Fosforeira, em especial a todos aqueles que se disponibilizaram para participar neste trabalho através da mobilização das suas histórias de vida e dos conhecimentos que com tanta generosidade partilharam comigo, sendo a parte mais importante do trabalho aqui apresentado.

À FPCEUP, aos seus docentes, funcionários e alunos, por terem sido parte essencial destes últimos cinco anos da minha existência, com quem tenho aprendido imenso quer na esfera académica como humana.

À professora Teresa Medina, por toda a paciência, conhecimento e apoio demonstrado desde o primeiro ano em que ingressei nesta casa, em especial pelas longas conversas e carinho transmitido.

À Câmara Municipal de Espinho, ao FACE e ao Dr. Armando Ribeiro, pelo acolhimento de um projeto que estava tão chegado ao coração.

À minha estrela, que partiu no início da minha jornada no Mestrado, ao meu avô mais que pai: sem ele nada disto poderia sequer equacionar-se. Obrigada meu héroi pelo AMOR, pelo apoio incondicional e pela tua vida, a tua história e as tuas palavras que se fazem presentes a cada passo por mim dado- bem sabe que se tudo isto existe é resultado da sua luta por mim.

À minha Micas, pelo amor, a luta e o exemplo de mulher que é para mim, não há palavras para descrever o que sinto ao poder partilhar todos os momentos consigo minha mãe- não duas vezes mas mil- AMO-TE.

À minha Fátima, Mary, Margarida e José, por serem tudo o que eu sempre precisei para me sentir amada e querida face a todas as situações boas e menos boas que se foram apresentando nestes anos. Ao meu irmão Zé por todas as memórias e sorrisos ao longo de toda a nossa vida, pela família que construímos no nosso lar ao longo de toda a nossa existência- jamais encontrarei palavras suficientemente grandiosas para vos agradecer tudo o que nós oito criamos no amor de Deus- apenas posso dar-vos todo o amor que por mim foi recebido.

Ao meu Zé, pela paciência que já te deixou os cabelos brancos, pelos abraços nas horas boas e nos momentos das dúvidas. Obrigada por seres a nossa metade mais calma e paciente, por me dares a conhecer pessoas fantásticas que tenho a honra de considerar uma família adotiva e por me mostrares que todos os esforços valem a pena. Nada disto seria possível se não tivesses entrado na minha vida há quatro anos atrás e me tivesses encorajado sempre a ser mais e melhor, mal posso esperar pelo futuro que nos espera.

À minha Mary, por todas as palavras de alento e amor, por me teres adotado no teu coração sem limites e teres posto na minha vida pessoas que realmente me admiram por aquilo que eu sou para ti: “a menina das perninhas gordas que tu viste uma vez e nunca mais esqueceste”.

Ao meu pai que, apesar da distância sempre me teve no pensamento e no coração e a todas as “tias” e “primos” que se fundaram no amor da minha família e se tornaram pilares na minha vida, obrigada por partilharem das minhas alegrias e me segurarem nos tempos mais difíceis. Por sempre estarmos unidos nas festas e nas despedidas.

Aos meus tios/as, avós, nem sei como chamar-vos...obrigada por tudo Sr. António (meu “avô” querido, partiste mas nunca serás esquecido), Sr. Silvestre, Prima Otília, Prima Lurdes, Sra. Glória, Sra. Fernanda e Sra. Iolanda não há como descrever os anos de dedicação à nossa família. Espero que estas palavras vos encham o coração assim como sempre o fizeram connosco.

Aos meus amigos, por nunca me abandonarem nos momentos de impaciência e dúvidas. Por todos os cafés, por todas as mensagens e por todos os abraços e palavras de encorajamento quando o desespero falava mais alto.

À toda a família da Catequese de Anta, em especial às minhas colegas e catequizandos , por iluminarem a minha vida a cada encontro. Por fazerem parte da minha vida há sete anos e por terem marcado os meus passos com palavras de alento e de AMOR.

Ao “Ripolim” , aos fundadores e a todos os seus funcionários, pelos quais tenho um carinho inestimável, todos eles no meu coração por fazerem parte da minha vida desde muito cedo. Obrigada por partilharem comigo e com a minha família as nossas vitórias e nos apoiarem nas nossas fragilidades.

Ao CANEE, que me recebeu de braços abertos nestes últimos meses para com eles iniciar a minha jornada laboral enquanto especialista em Ciências da Educação. À Dr^a Carina, à Andreia, ao Igor e a todos os meninos que com todos os seus mimos e simplicidade me encorajaram a nunca desistir.

Às meninas da Ju por todo o carinho e incentivo mostrados ao longo de toda a minha vida.

Às “simply the best”, à Nádia e a todas as nossas meninas que transbordam alegria e confiança perante todas as situações. Obrigada por todos os sorrisos e palavras de incentivo.

Todos os acima mencionados são apenas exemplos de tudo aquilo que tenho para agradecer a Deus todos os dias da minha vida, todos eles insubstituíveis nestes curtos e repletos 23 anos de idade.

Lista de abreviaturas

CME- Câmara Municipal de Espinho

FACE- Fórum de Arte e Cultura de Espinho

Índice

Introdução	2
Capítulo I	7
1. Entre o fogo e a praia	8
1.1. "Filumenismos"	8
1.2. Espinho- de instância banear a cidade	10
Capítulo II	17
2. Pegadas Teóricas	18
2.1. Quadro conceptual	18
Capítulo III	30
3. Percurso Metodológico:	31
3.1. "Garabatos" : o desenho do projeto	31
3.2. Entrada no contexto	32
Capítulo IV	45
4. Reacendendo Memórias: uma história por contar	46
4.1. Dentro da Fosforeira	52
4.2. O mágico palito fosforado	54
4.3. Regalias	55
4.4. Dimensão educativa	56
4.5. "Os filhos da Fosforeira"	59
4.6. Relações dentro da Fosforeira	61
4.7. Fosforeira: antes e depois do 25 de abril	62
4.8. Desvanecimento	63
4.9. Após o sopro final	65
Capítulo V	67
5. Depois das cinzas	68
Referências Bibliográficas	71

Introdução

Desde sempre passei pelos edifícios da Fosforeira tentando imaginar como seria trabalhar ali, imaginava as irmãs do meu avô a trabalharem lá dentro e os meus primos na creche como se de um filme se tratasse. Ao crescer, e com o abandono e desmantelamento de fábricas que outrora teriam sido o “ganha-pão” de tantas famílias que conhecia, cresceu a pena por todas aquelas histórias que se destruíram no meio daquelas paredes, reduzidos a pó e ruínas, à medida que as vozes daqueles edifícios se silenciavam eternamente.

Ao ter perdido um dos melhores contadores de memórias que conhecia- o responsável pela minha educação e curiosidade por escutar o que os outros tinham para me contar, começou a brotar em mim a necessidade de escutar tudo de novo, e também recordar e escrever sobre ele, para que a sua voz e a sua vida não se reduzam a fotografias e a uma placa no cemitério para mostrar a outras gerações.

Posso mesmo assegurar que tal como eu, serão muitos os irmãos, filhos e netos que guardam em si o desejo de perpetuar a memória dos seus familiares, para recordar e partilhar um pouco de si.

A memória e a aprendizagem são processos que se encontram interrelacionados, que se mostram fundamentais para a compreensão dos acontecimentos. Ambas as dimensões estão no pilar da construção do conhecimento.

O aumento dos trabalhos científicos de preservação da memória tem-se constituído um dever da cidadania democrática, no entanto, esta abordagem é relativamente recente e, por vezes, ainda questionada no universo académico. A história enquanto disciplina das Ciências Sociais, tem desempenhado um forte papel nesta missão, especialmente quando nos referimos à historiografia, como ciência que revisita o passado, dentro de um quadro metodológico específico.

O tema da investigação, desenvolvida, no âmbito do projeto de estágio do mestrado, insere-se na História da indústria fosforeira entre os anos de 1926 e 2006, período da existência da Fosforeira Portuguesa na cidade de Espinho, distrito de Aveiro.

O projeto procurou a cruzar o que seriam as problemáticas da história industrial e social do concelho com a formação e participação cívica e social dos seus trabalhadores. Tal cruzamento implicou que se estudassem também as dimensões políticas e económicas que atravessaram este período de 80 anos de existência, assim como alguns modelos de gestão da empresa que foram destacados ao longo das narrativas dos trabalhadores.

Para o desenvolvimento do projeto recorri ao contributo da História Oral, uma vez que esta reconhece que todos os seres humanos são detentores de conhecimento que deve ser partilhado com a sociedade, fruto do percurso de vida, marcado por um sem fim de acontecimentos, conquistas, derrotas e aprendizagens. Todos nós fazemos história e entramos na história, no entanto não somos personalidades eternizadas nos manuais e documentos oficiais. Quantos de nós conhecem pessoas que, tal como muitos grandes nomes fizeram coisas extraordinárias, porém, sem reconhecimento algum? Quantas “verdades” são absolutizadas por não haver o relato “da outra parte”? Se somos e fazemos história, porque só a podemos partilhar com os nossos pares? Vivemos na sombra da História dos vencedores e dos que têm o poder da escrita, no entanto a verdade é que para cada episódio retratado nas fontes escritas, existe um inumerável leque de pessoas que, mesmo contribuindo para os acontecimentos, se mantêm ocultas. Este trabalho de investigação será concretizado a partir de uma história, que tem um grande impacto no que é a minha história e a história da minha cidade. Com este trabalho, espero manter viva a história de tantos Silvas, Pintos, Pereiras, Carvalhos, que tiveram um papel de suma importância para o que é hoje a cidade de Espinho, e para o que são hoje os membros da sua família, mas que por serem um grão de areia de uma praia maior se encontram hoje associados a um conjunto de edifícios abandonados e destruídos, caindo com eles uma parte essencial do papel de Espinho na História. Desejo assim, trabalhar algumas dessas histórias e contribuir com elas, para- a História da Fosforeira Portuguesa, que está ainda, em grande parte, por fazer.

Assim, a ideia de efetuar o estágio na Câmara Municipal de Espinho, apesar de não ter sido o meu primeiro impulso quando entrei no Mestrado em Ciências da Educação, acabou por corresponder a objetivos que já tinha delineado para uma abordagem num contexto distinto. No entanto, e porque essa abordagem não iria ser concretizada com a qualidade merecida, optei por um estágio que não implicasse o meu contato contínuo com idosos, mas que me permitisse trabalhar com eles.

Este trabalho efetuou-se no âmbito das Ciências da Educação, e teve como mote o princípio defendido por Boaventura de Sousa Santos (1989) de que o conhecimento científico produzido no seio das Ciências Sociais, transforma a realidade social (senso comum), integrando aqueles que têm permanecido em segundo plano.

Posto isto, propus-me trabalhar com ex-trabalhadores da Fosforeira Portuguesa de Espinho, tendo como principais objetivos:

- contribuir para a construção da história da Fosforeira Portuguesa a partir das memórias dos seus trabalhadores;
- compreender que lógicas de educação/ formação se faziam sentir no contexto;
- compreender o impacto da Fosforeira Portuguesa, tendo em conta os contributos socioeducativos e até mesmo cívicos.

Realizar este trabalho, no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, justifica-se através da multidisciplinaridade desta área de conhecimento, que permite o estabelecimento de relações e o cruzamento de conceitos, métodos, práticas e saberes de modo a fazer notar a heterogeneidade, riqueza e importância dos trabalhos realizados acerca das realidades sentidas nos mais diversos contextos de intervenção dos profissionais de Ciências da Educação.

No caso específico do meu projeto de estágio, este mostrou-se pertinente na área do trabalho e reconhecimento dos conhecimentos informais para o enriquecimento da sociedade,

e como como uma forma de contribuir para a reconstrução do património através da mobilização de testemunhos maioritariamente imateriais acerca da Fosforeira Portuguesa.

Uma vez que não existem dados ou estudos publicados acerca da Fosforeira Portuguesa, e são poucos os documentos que tratam o caso específico da Indústria dos Fósforos, tive a necessidade de optar por uma metodologia que me levasse, também, às fontes primárias, procedendo à análise de documentos de imprensa do concelho assim como aos relatos dos próprios trabalhadores da Fosforeira.

Tendo em conta as questões que fui levantando ao longos das linhas anteriores, o relatório encontra-se dividido em quatro grandes partes.

Na primeira parte, intitulada **Entre o fogo e praia**, apresento breves informações históricas sobre a descoberta e produção do fósforo ao longo de diferentes momentos históricos. Seguidamente, início um leve enquadramento acerca da cidade de Espinho, sede da Fosforeira e apresento alguns marcos históricos que permitem a compreensão do lugar enquanto contexto de desenvolvimento económico e sociocultural, fazendo ainda a apresentação do local de estágio.

A segunda parte do documento, **Pegadas teóricas**, equaciona o quadro teórico, ou seja, a explicação dos conceitos pertinentes para o desenvolvimento do trabalho de investigação, assim como a descrição da investigação desenvolvida e as opções teórico-metodológicas que se foram assumindo.

Na parte **Reacendendo Memórias**, mobilizo as informações recolhidas nos depoimentos dos trabalhadores da Fosforeira, reconstruindo e refletindo acerca da sua criação, lógicas de trabalho, relação com e entre os trabalhadores, as lógicas de formação inerentes à entrada e vivências na firma, apoios aos mesmo e, numa última parte, sobre o processo de encerramento.

Na última parte, **Depois das cinzas**, apresento as minhas considerações finais, onde abordo algumas questões que podem vir a ser aprofundadas em futuros trabalhos de investigação.

Capítulo I

1. Entre o fogo e a praia

1.1. "Filumenismos"

Hoje são vários os dispositivos que nos permitem aceder ao fogo, no entanto, até há algumas décadas atrás os fósforos detinham essa função. Feitos de madeira, papelão ou cera, com uma quantidade de trissulfato de fósforo que se decompõe à medida em que vai ardendo, incendiando os demais produtos.

O presente relatório teve a sua génese no Paleolítico, período em que o Homem descobre e começa a manipular o fogo. Esta capacidade mostra-se de extrema importância no desenvolvimento da espécie humana pois possibilitou a expansão das primeiras civilizações para zonas mais remotas e frias, a elaboração de alimentos cozinhados e a sua proteção dos animais com quem partilhavam a existência. Após a descoberta, tornou-se imperativo agilizar uma forma de transportar este bem tão precioso.

Ao longo da História podemos encontrar alusões ao fogo e ao poder do mesmo. Nas Sagradas Escrituras, encontramos a imagem do fogo aliada a poderes como a materialização do Espírito Santo, que desce sobre os discípulos sob a forma de línguas de fogo e os dota de variadas capacidades, sendo o fogo também utilizado em inúmeros rituais como as procissões de velas e na Vigília Pascal sob a forma de círio, usado também nas celebrações dos Sacramentos como o Batismo e o Crisma.

A descoberta do fósforo em si, aconteceu acidentalmente em 1669, quando Henning Brandt, um alquimista alemão descobre o elemento do fósforo, que significa “o que traz luz”. No entanto, coube ao farmacêutico John Walker a produção do precursor dos fósforos que temos nos nossos dias, em 1827, iniciando-se um jornada de pesquisas e de consecutivos aperfeiçoamentos aos palitos mágicos, no entanto, o uso do termo "palitos inflamáveis" remonta a 577 no Norte da China, onde, segundo Sottomayor (2011) durante um cerco as mulheres começaram a usar uma mistura de substâncias químicas na ponta de paus de modo a pouparem a matéria combustível.

A história do desenvolvimento das técnicas de manipulação do fogo pode intitular-se de epopeia dada a sua longitude temporal e os povos/ comunidades que a ele se dedicaram, começando por artesãos anónimos, que enrolavam estes palitos mágicos em pequenos maços de papel pardo e os comercializavam de forma muito corrente, até assistirmos à proliferação da produção de fósforos já nas indústrias. Santos (2002) afirma que "por volta de 1895 (...) fabricavam fósforos de enxofre, mas também já os primeiros de cera e parafinados e ainda umas caixinhas de fósforos de cera que na época fizeram furor: as chamadas caixas de elástico, artisticamente bem elaboradas" (Santos, 2002, p. 50)

No nosso país, a primeira fábrica de fósforos aparece em 1864 em Lisboa, estendendo-se depois, por outras regiões do país.

Com a entrada no século XX começaram a ser realizadas outras variedades de fósforos que melhor se ajustavam às necessidades da época. Começa a falar-se então de fósforos contra o vento, que se destinavam inicialmente aos marinheiros e passageiros de cruzeiros e que depois foram adaptados para os militares em contexto de conflito armado (Sottomayor, 2011).

Em Portugal, em 1926, é autorizada, por despacho, a elaboração de fósforos por três empresas: a Sociedade Nacional de Fósforos que se situava em Lisboa e no Porto, a Companhia Lusitana de Fósforos no Porto e a Fosforeira Portuguesa.

Em Espinho, a Fosforeira inicia a sua laboração em 1928 (Santos,2002) sendo que o estabelecimento da firma na cidade contou com o contributo "(...) do banqueiro do Porto, Vieira Pinto, e de Manuel Joaquim Simões Pedro, comerciante e correspondente bancário" (Santos, 2002, p.51).

1.2. Espinho- de instância balnear a cidade

Segundo os registos existentes nos textos de apresentação do concelho no site da Câmara Municipal de Espinho, esta atual cidade era uma antiga estância balnear burguesa durante o século XIX, onde os visitantes podiam desfrutar de passeios e banhos na costa. Segundo os mesmos dados, em 1864, o comércio quase não existia, havendo apenas algumas tabernas e mercearias, um talho, uma loja de louça e uma assembleia recreativa. Nessa época, os benefícios do comboio ainda não se faziam sentir, sendo que os visitantes tinham que apelar na Granja ou em Esmoriz e depois faziam a sua viagem até Espinho por meio de carros de bois, uma vez que Espinho não estava dotado de apeadeiro. Apenas se construiu o apeadeiro em 1870, através da influência de três banhistas que veraneavam nas costas espinhenses. A estação foi inaugurada em 1874, devido à visibilidade que a zona tinha alcançado e ao número de pessoas que vinham passar a época balnear a Espinho. Segundo os registos, nas épocas altas estimava-se uma população de 3000 pessoas, sendo que em 1874 o número de residentes fixos rondava os 600.

Com esta circulação de pessoas começaram a surgir os primeiros hotéis, assim como se deu o aumento no número de cafés e botequins, sendo que o café mais conhecido seria construído em 1888- o Hotel e Café Chinês- um espaço ocupado pela elite e que contava com orquestra permanente, salão de jogos e era o espaço onde tinham lugar tertúlias das mais diversas origens. Este local contava com a presença assídua de notáveis da época como Antero de Figueiredo, Amadeu de Sousa Cardoso, Manuel Laranjeira e Miguel de Unamuno.

O ponto mais alto de afirmação do lugar deu-se a 24 de Agosto de 1899, dia da criação do concelho de Espinho, sendo que as primeiras eleições autárquicas se realizaram a 13 de Novembro do mesmo ano.

Segundo os escritos de António Teixeira Lopes (2013), Espinho, nos censos 1900 contava com uma população de 3831 habitantes, onze anos depois o número estava nos 5385,

o que demonstra o interesse que se estava a despertar pelo concelho como local de habitação fixa, fugindo aos tempos em que se reduzia a um alojamento utilizado pelos pescadores do Furadouro.

Até 1926, Espinho limitava-se à sua sede, até que nesse ano, o Ministro do Interior, José Afreixo contribuiu para que fossem anexadas as freguesias de Anta, Silvalde, Paramos, Oleiros e Nogueira da Regedoura que pertenciam antes ao concelho da Vila da Feira, Guetim, que pertencia a Vila Nova de Gaia e Esmoriz que pertencia a Ovar. A criação de um concelho tão extenso tornou-se possível graças a diversas variantes, começando pela criação da passagem dos caminhos-de-ferro pelo local, e posteriormente pela construção e abertura de uma estação. Uma outra razão prende-se com a existência da Fábrica de Conservas Brandão Gomes, que para além de se ter tornado uma das maiores empregadoras do local, funcionava a vapor e contava com a ajuda de especialistas que vinham do estrangeiro, o que tornou possível o comércio a nível nacional, mas também internacional- a exaltação desta indústria culmina com a assinatura do alvará de D. Carlos.

Ao longo dos anos, foram-se estabelecendo outras indústrias como a fábrica de cortiça e rolhas José Dias Coelho em 1902, a Fábrica o Mocho que se destinava à confeção de refrigerantes em 1907, a “Fábrica Progresso” em 1914, a Fábrica de Móveis de Alberto de Sousa Reis e C^a em 1923 e dois anos depois a criação da Fosforeira Portuguesa.

Outra contribuição importante foi, segundo Armando Ribeiro (2001) a luz elétrica, sendo que a primeira casa a usufruir dela foi o Café Chinês em 1889, seguindo-se o Teatro Aliança em 1894 e o Hotel Bragança dois anos depois.

Para competir com as restantes instâncias balneares, uma das preocupações camarárias era a criação de uma rede de esgotos, assegurar a limpeza da cidade, assim como assegurar o acesso a água potável, uma vez que não se mostrava suficiente a água disponível nos fontanários e nas fontes durante os meses de Verão. A segurança também era uma preocupação, pelo que, em 1913 foi pedido ao Governador Civil que destacasse a Guarda

Republicana para o local, feito que só sucedeu em 1943, quando a população já rondava os dez mil habitantes.

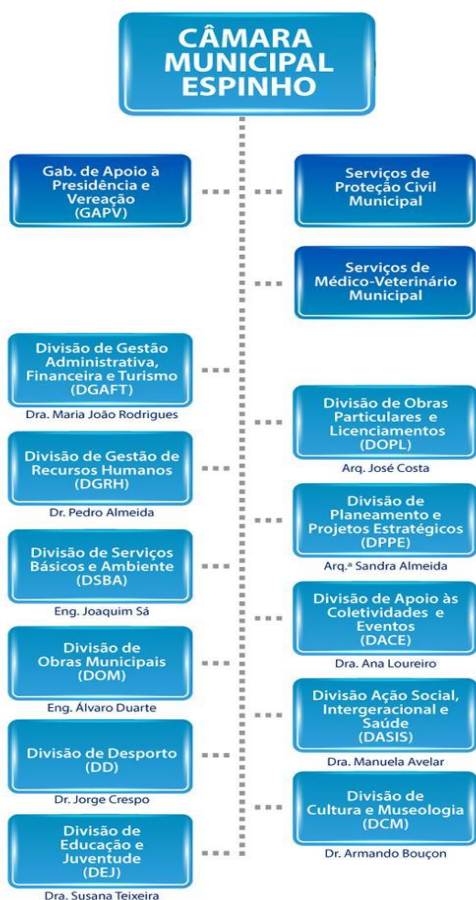
Os primeiros 30 anos do século XX foram tempos de grande crescimento populacional, o que despertou a necessidade de criação de infraestruturas e serviços para responder às necessidades dos habitantes como escolas primárias, liceal e industrial, e a construção do hospital em 1956. Também foram abertos diversos cafés, sendo que um dos mais emblemáticos abriu as suas portas em 1958 “O Nosso Café”, que foi construído por elementos significativos da sociedade espinhense. No mesmo ano foi ainda construído o aeródromo em Paramos.

Em 1973 Espinho recebe o título de cidade, a 16 de julho, devido ao elevado número de habitantes às condições ¹dispunha. No mesmo ano foi aberto o Hotel PraiaGolfe, uma unidade hoteleira de 4 estrelas e, posteriormente, em 1986 Espinho inaugurava o Hotel Solverde, um hotel de 5 estrelas, o que evidenciava o crescimento da dinâmica turística que se desenvolvia no concelho ao longo do tempo (Couto, 2008).

No ano de 2004, iniciaram-se as obras para o enterramento da linha do comboio, concluída em 2008 com a demolição da antiga estação. O local onde antigamente existia uma enorme azafama ferroviária vai, até hoje, assumindo-se enquanto espaço para diversas iniciativas, contando com um parque infantil e um espaço onde se realizam festas.

Nos últimos anos é possível detetar uma clara evolução social no concelho, especialmente na zona marginal, que tem atraído muitos visitantes especialmente para a prática de atividades aquáticas, pela realização anual do Torneio internacional de voleibol na praia da Baía assim como a comodidade da Piscina Solário do Atlântico (Couto, 2008)

¹ <http://portal.cm-espinho.pt/pt/municipio/camara-municipal/> Consultado em Maio de 2018



Local de estágio

Atualmente, a Câmara Municipal encontra-se organizada de acordo com a estrutura apresentada ao lado, sendo que o meu estágio esteve inserido na Divisão de Cultura e Museologia da Câmara Municipal de Espinho.

Tendo como base o artigo nº 22 do Despacho nº 388/2015 aos Serviços de Cultura e Museologia compete, na sua dimensão mais geral:

- dinamização e programação das atividades culturais do município, articulado com os serviços municipais e com Serviço de Apoio às Coletividades e Eventos;
- gestão de projetos de intercâmbio cultural;
- apoio à recuperação e valorização de atividades artesanais e manifestações etnográficas do interesse local;
- gestão do fundo histórico e arquivo fotográfico
- preservação da documentação, obras e outros artigos de interesse cultural;
- promoção de iniciativas de animação sociocultural particularmente no âmbito dos museus;

- organização de exposições permanentes ou temporárias relacionadas com a história e o património cultural da cidade
- disponibilização de apoio logístico aos serviços que solicitem a sua colaboração.



O Fórum de Arte e Cultura de Espinho (FACE) encontra-se na freguesia de Silvalde, especificamente no Bairro Piscatório. O edifício resulta de um projeto de reabilitação da Fábrica “Brandão Gomes & C^a”, que foi construída em 1876. Este edifício foi adquirido pela Câmara Municipal em 2001, momento em que foi reconstruído (apenas o edifício central), projeto de autoria do arquiteto Nuno Lacerda. Apresenta-se como um espaço de desenvolvimento cultural e de prestação de serviços à comunidade. Neste âmbito, assume-se como um espaço multifacetado que privilegia o encontro entre o conhecimento, a formação, educação e lazer.

O FACE estrutura-se em várias valências: museologia (responsável pelo Património e História Local), promoção do design, produção artística (cinema, animação e multimédia) e a vertente informativa/pedagógica, assegurada pelos Serviços Educativos. Cada uma destas componentes trabalha de forma completa e finita.

O Fórum contempla espaços públicos (Receção, loja, WC, áreas de exposição, ateliers pedagógicos, sala de reprodução, sala de depósito e consulta, auditório, bar e exterior), espaços condicionados (oficinas, reservas, sala de registos, estúdio de som,

arquivo e sala de máquinas) e espaços internos (gabinetes de Museologia, Cultura e Animação, Design e Multimédia, Informação, Direção Executiva e Administrativos, assim como a sala de reuniões e de apoio logístico).

Na sua missão, o FACE apresenta um programa e uma estratégia que devem abranger vários públicos-alvo, designadamente a população local, população escolar, população especializada e a 3ª idade. Conta com os serviços do Gabinete de investigação, Serviços de documentação e registo, Oficinas de produção, Ateliers de animação, Serviços de exposição e exibição e Serviços de reserva e conservação, assim como espaços exteriores e de lazer.

Os órgãos do FACE encontram-se categorizados em três áreas de intervenção: (1) a Divisão de Património e Museologia, (2) a Divisão de Administração Geral (arquivo) e (3) a Divisão de Limpeza e Manutenção.

Existem projetos e atividades específicos que o FACE procura desenvolver. Estes são a exposição permanente, sobre a Fábrica Brandão Gomes e uma outra sobre a Arte Xabrega; atividades pedagógicas e lúdicas que são organizadas pelo Serviço Educativo, tendo em conta a instituição que o visita assim como o seu público,; o apoio a investigadores e estagiários; a conservação e restauro de materiais ; a organização de eventos; a utilização do auditório para pequenos colóquios e debates, entre outros.

Capítulo II

2. Pegadas Teóricas

2.1. Quadro conceptual

Desenvolvendo-se este trabalho a partir da mobilização de depoimentos de trabalhadores da Fosforeira Portuguesa, tendo em vista contribuir para a reconstrução dessa realidade em concreto, mostra-se pertinente mobilizar a noção de **património**, mais especificamente de património industrial, entendido como a preservação de vestígios da cultura industrial detentores de valor histórico, tecnológico, social, arquitetónico ou científico, assim como de valores relacionados com o universo industrial. Consideram-se elementos do património industrial os bens móveis e imóveis, através dos quais se torna possível a vivificação dos valores culturais experienciados, ou seja, todos os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico. Habitualmente, o património industrial integra edificações que se encontram fortemente articulados com a localidade. No caso da Fosforeira, as suas instalações ocupavam três quarteirões da cidade de Espinho, o que marcava a paisagem da localidade.

Para a preservação do património industrial assumem grande relevância, os conhecimentos e saberes dos trabalhadores enquanto peça-chave de um puzzle que constitui o reflexo da memória dos cidadãos intervenientes- no caso específico que se procura estudar, da Fosforeira Portuguesa, que se reflete em grande parte da comunidade espinhense, dada a ambição de tantos moradores, à época da sua existência, de poderem trabalhar na empresa.

A formação de um património industrial com base na memória industrial vai mais além da ideia em si, na medida em que contribui para a formação de memórias sociais e coletivas.

Tratando-se de um trabalho que teve como maior fonte de informação as narrativas dos sujeitos com base nas suas memórias, um dos conceitos mais mobilizados ao longo do relatório será o da **história oral**, e nomeadamente os contributos que esta pode dar na construção de uma história mais completa. Teresa Medina (2008) afirma que o contributo principal da história oral reside na possibilidade de várias versões da história serem contadas, dependendo dos seus protagonistas, ao invés dos documentos históricos escritos que na maioria das vezes acabam por utilizar apenas uma voz. A autora recorre a Paul Thompson (2002) para evidenciar que a história contada sempre dependerá da finalidade para a qual é narrada, uma vez que reconhece a subjetividade que cada testemunho terá.

As memórias mobilizadas no decorrer do presente relatório não se poderiam tratar de simples transcrições dos depoimentos prestados pelos trabalhadores da Fosforeira Portuguesa, necessitam ser devidamente enquadradas e mediadas de forma a serem organizadas e devidamente preservadas. Para isto tive presente as orientações divulgadas por Paul Thompson (2002) compiladas na sua obra “A Voz do Passado”. O autor apresenta-nos a História Oral enquanto um campo que se constitui pelos depoimentos fornecidos pelos sujeitos intervenientes de uma determinada realidade, que têm presentes nas suas narrativas as suas perspetivas acerca dos fatos ou acontecimentos vividos tanto como indivíduos como enquanto grupo- perspetivas essas que são muitas vezes diluídas pela história dita “dos privilegiados”, ou seja, aqueles que por algum motivo tiveram a possibilidade de fazer conhecer as suas vivências.

A história oral não tem como propósito dizimar a história documental mas sim contribuir para a criação de uma história ainda mais completa e abrangente, fazendo-se realçar pelo enriquecimento oferecido nos depoimentos de sujeitos que desempenharam algum papel em determinado evento ou acontecimento (Medina,2008).

Para o desenvolvimento deste trabalho, atentei mais especificamente à recolha das subjetividades presentes nas memórias dos trabalhadores da Fosforeira Portuguesa de modo a preservá-las e poder sistematizar um conjunto de informações que constituam um

forte contributo para a história local através das palavras de quem fez parte dos acontecimentos e que possuem tanto anos de experiências naquele contexto.

Trabalhar na ótica da História Oral levanta muitas questões, na medida em que a sua utilização depende fortemente do processo de compreensão dos diálogos entre o pesquisador e os entrevistados, para que o pesquisador seja capaz de conhecer factos vivenciados num dado momento histórico- o momento em que foi vivido- algo que os documentos escritos podem não revelar.

Paul Thompson (2002) refere que para a história oral se constituir enquanto prática social – importa que faça emergir a mudança, incidindo tanto nos conteúdos como nas finalidades da história, uma vez que a história oral vem alterar o enfoque da própria História e revela novos campos de investigação.

A entrevista neste âmbito, apresenta-se como um recurso de suma importância, uma vez que, através da mesma ocorre uma ruptura entre o que está instituído e a realidade.

Falar de História Oral acaba por chamar ao debate a Memória. Alessandro Portelli (1997) apresenta a memória enquanto “ (...) processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados.” (1997, p.16), reconhecendo que as lembranças de um sujeito podem ser semelhantes ou contraditórias face ao que é tido como “verdade”.

Paul Thompson (1992) alega que a memória depende dos elementos que são considerados significativos, na medida em que “(...) devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao dar-lhes um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas” (Thompson, 2002, p. 357), sendo a gravação um dos elementos mais fidedignos porque retrata exatamente o que foi dito, materializado por escrito através da transcrição, operação que deve ser desenvolvida com bastante cautela.

No momento da entrevista, o sujeito seleciona acontecimentos enquanto vai construindo uma imagem de si- Pollak (1992) refere que a memória é um dos elementos que constituem o sentimento de identidade, seja ela individual como coletiva.

Trabalhar com a História Oral implica que se reconheça a subjetividade e, para que isso seja concretizado o investigador deve estar dotado de técnicas de diálogo com vista à compreensão do outro.

Trabalhando com as memórias de pessoas reformadas ou afastadas da vida ativa, vulgarmente chamadas de idosos, também reflito acerca do papel social que é atribuído às pessoas mais velhas- o de serem narradores de histórias coletivas dos grupos aos quais pertenceram ou pertencem, transmitindo assim o seu legado cultural. Através da narração das suas histórias de vida, a pessoa idosa realça-se enquanto construtor social, uma vez que por meio do seu depoimento podemos aceder a um mundo social rico em diversidade (Bosi, 2012). O mesmo autor afirma que ser idoso é uma luta constante para continuar a ser homem, na medida em que cada dia é uma luta no seio de uma sociedade exageradamente preocupada com o presente e com o futuro, sendo sufocadas as potencialidades de sabedoria e arquivo de conhecimentos e valores de um povo, que vão sendo diluídos, perdendo-se no tempo.

Através da narração de memórias, os sujeitos vão mobilizando lembranças sobre os lugares, experiências e fatos históricos, entendidos não como memórias individuais, mas como memórias coletivas que se foram propagando ao longo do tempo.

Ao longo dos últimos anos verificou-se uma tendência a diluir os papéis sociais antes desenvolvidos pelas pessoas que não se encontram integradas no mercado de trabalho (papel de educador, patriarca/matriarca, cônjuge, profissional,) o que permite que a passividade invada estes sujeitos. É no âmbito social que as transformações acima descritas se observam com mais intensidade.

Ferrigno em 2003 recorre a Guita Debert(1998) para declarar que nos temos deparado com uma nova imagem da velhice, na qual assistimos à transformação da terceira idade enquanto fonte de miséria a uma terceira idade encarada como fonte de recursos. Este é o conceito que eu quero trabalhar, querendo procurar nas narrativas das pessoas o seu caráter sábio e enriquecedor. Nesta linha, concordo com o que Trindade (2010) afirma sobre a população englobada no universo que é a terceira idade:

“(...)as pessoas na 3ª idade não podem ser vistas como pessoas em descida na linha da vida, mas sim encaradas como indivíduos com uma experiência de vida e sabedoria, capazes de transmitir os saberes e vivências pessoais e sociais; com capacidades de aprendizagem educativas, culturais, físicas e sociais, tendo como principal característica a motivação para a aprendizagem e pela melhoria da qualidade de vida, a nível social, afetivo, educativo e físico-motor”(Trindade, 2010:2)

No âmbito deste estágio e do propósito que o orienta, o papel do idoso é sumamente importante, devido a que a maioria dos trabalhadores têm agora idades compreendidas entre os 60 e os 92 anos. Ao trabalhar com eles, busco atribuir-lhes o papel de serem as memórias vivas daquela comunidade e daquele contexto em específico, através da narração das suas experiências de vida e transmitindo um legado social e cultural à comunidade. Esta partilha mostra-se estrutural na construção de uma memória coletiva, que nos permitirá conhecer e acolher uma identidade grupal (Barros &Barros, 2014).

A forma como os trabalhadores contam as suas vidas e analisam a sua cronologia pessoal, refletindo criticamente sobre os seus percursos atribuindo significados às suas experiências irão permitir não só um testemunho vivo e pessoal do passado, mas também se mostram como testemunhos coletivos. Estes testemunhos irão traduzir uma perspetiva das vivências partilhada por muitos outros trabalhadores da Fosforeira, uma vez que existiam objetivos e projetos partilhados entre os mesmos. O conjunto das suas histórias de vida mostram-se sob a forma de uma história coletiva.

Neste caso, quero focar-me na memória de um determinado grupo-os trabalhadores da Fosforeira Portuguesa e por isso, cabe-me refletir acerca do conceito de memória

coletiva. Este conceito remete a uma construção mais sólida sobre dado acontecimento, na medida em que é construída por diversas memórias sobre o mesmo facto resultando na construção de uma narrativa consolidada nas coincidências dos contributos. Deve atentar-se ao fato de apesar de a experiência ser partilhada por diversos sujeitos, a sua representação, através da subjetividade de cada um, ter aferido sentidos distintos ao evento.

Halbwachs (1990) defende que a memória individual é apenas uma perspectiva sobre a realidade e que, para tornar a informação mais precisa deve recorrer-se à memória coletiva, por esta ser constituído por um núcleo de memórias individuais, existindo uma relação de interdependência entre ambas, na medida em que uma é formada pela outra. No meu caso esta ideia tornou-se essencial para o entendimento das vivências na Fosforeira ao longo dos anos, por exemplo, no que diz respeito às “regalias” oferecidas pela Fosforeira Portuguesa, enquanto alguns elementos desse limitavam a enumerar a existência da Creche de da Cooperativa, outros elementos recordam especificamente o conteúdo dos incentivos dados pela firma, os presentes oferecidos e até as datas de comemorações específicas nas quais eram distribuídos alguns montantes para “recompensar” o esforço dos trabalhadores, podendo aplicar a mesma ideia com relação às visões sobre as relações entre colegas e responsáveis da empresa.

Entende-se como método da **história de vida** um processo de revisitar a vida do indivíduo, através da sua narração, onde o sujeito irá selecionar factos que considera significativos na sua trajetória (Freitas, et al, 2013). As narrativas mesmo sendo particulares, assentam em práticas sociais que o entrevistado experienciou, podendo destacar-se ao longo dos relatos partes relativas às lógicas educativas ou formativas vividas no contexto laboral para além da mobilização das lembranças relativas à escola. A vivência e a pertença à Fosforeira proporcionou aos seus trabalhadores vários momentos educativos e formativos ao longo da sua estadia na empresa. Para perceber isto, devo ter em conta uma perspectiva de educação abrangente, relacionada à educação

permanente, ou seja, tendo em conta todos os processos educativos que foram tendo forma no decorrer da vida dos entrevistados, focando os momentos vividos na Fosforeira.

O facto de se tratarem de memórias de experiências que tiveram como lugar uma fábrica, podemos ainda estar perante a construção de um património industrial, pois algumas das informações presentes nos depoimentos referem-se à máquinas em que operavam, aos produtos que fabricavam e às paredes onde passaram tantos turnos, e onde se desenvolveram cognitivamente e civicamente.

Relacionando tudo isto, a pertinência do meu trabalho reside na relação entre três grandes temas, o património industrial, sociocultural e formativo, realizada entre os testemunhos daqueles que fizeram parte desta realidade. Através dos depoimentos, será possível fazer uma análise tendo em conta as teorias da memória coletiva (Halbwachs,2006) , enquanto memória construída através do investimento nos significados compartilhados pelos participantes.

A utilização de fontes orais enquanto recurso no processo de reconstrução histórica tem sido alvo de inúmeras críticas e debates devido principalmente às questões da credibilidade.

No seu auge, a História Oral propõe-se a sistematizar, ordenar, expor e narrar os acontecimentos, com o objetivo de recuperar a memória. Alessandro Portelli é um dos autores mais reconhecidos quando se investiga acerca da História Oral, escrevendo inúmeras obras, nas quais se debruça sobre várias dimensões da História Oral. Em 1979, o autor publica o texto: “ O que torna a História Oral diferente”, onde reflete sobre as singularidades das fontes orais. Neste, o autor defende a existência de uma série de elementos que caracterizam a História Oral como o carácter vivo, uma vez que trata com as pessoas- que para além de fontes orais, são essenciais para se pensar as questões da sua especificidade. Nesta ótica, cabe ainda ressaltar o facto de a utilização de testemunhos orais possibilitar o esclarecimento de trajetórias individuais, situações ou processos que não poderiam ser entendidos se não fosse através desta abordagem. Este caso relaciona-

se diretamente com o estudo da história da Fosforeira, na medida em que, não seria possível entender a realidade partilhada na firma, sem mobilizar as perspectivas dos seus trabalhadores.

O mesmo autor alega que, fontes orais e fontes escritas não são mutuamente excludentes, uma vez que possuem características autónomas e funções específicas a que apenas uma delas pode responder, ou responde de melhor forma do que a outra, requerendo assim instrumentos interpretativos diferentes. No entanto, a constante depreciação das fontes orais tem vindo a sufocar as suas qualidades específicas, tornando este tipo de fontes em “suportes” para as fontes escritas.

Antes de progredir na reflexão sobre o contributo das fontes orais no decorrer do meu trabalho, cabe esclarecer o que considero como fontes orais. Entende-se como fontes orais aquelas que falam menos sobre os eventos e mais sobre os significados, na medida que os depoimentos trazem muitas vezes à luz eventos menos conhecidos. Estas fontes são também consideradas como fontes narrativas e por isso, deve ter-se em atenção o elemento da subjetividade do expositor. As fontes orais não se cingem apenas ao que se fez, mas sim ao que poderia ter sido feito, ou ao que se acreditava estar a fazer na época.

O facto de não se tratar da história oficial pode levantar questões sobre a sua credibilidade, podendo ser defendido por alguns teóricos que não se tratam de fontes viáveis. Para Portelli (1997) a credibilidade das fontes orais é diferente, uma vez que a importância do testemunho oral se ancora no seu simbolismo. Dito isto, será escusado dizer que me posiciono a favor da utilização das fontes orais nas ciências sociais, na medida em que considero que os documentos escritos revelam muitas lacunas, especialmente quando são elaborados após o evento e por sujeitos não participantes. Aqui, reconheço que recorrer a fontes orais poderia ser uma mais-valia dado o envolvimento dos sujeitos nos eventos.

A dimensão da oralidade tem sido objeto de debate especialmente no que diz respeito ao processo de transcrição, uma vez que se considera que por muito literal que

seja a transcrição, esta implicará sempre uma pequena dose de imaginação ou criação. As transcrições das fontes, podem suportar reduções e manipulações dos testemunhos. No processo devemos tomar atenção aos gestos, tons de voz e ritmo da fala, o que se pode mostrar extremamente revelador, sendo uma metodologia que muda a escrita em história, porque traz o narrador para a história.

A transcrição transforma objetos auditivos em visuais, o que implica mudanças e interpretação. Até porque, para que a transcrição seja mais legível, é necessário recorrer a sinais de pontuação, que são postos de forma mais ou menos arbitrária pelo transcritor.

Nas narrativas, as fontes orais fazem parte de um processo de diálogo entre várias áreas de conhecimento, tendo em vista uma análise mais completa e uma compreensão efetiva.

As fontes orais dizem mais sobre os sentidos dos acontecimentos, mas possuem valor factual que podem revelar aspectos desconhecidos de um acontecimento, podendo dar a conhecer diferentes eventos.

Considero ainda relevante refletir sobre o conceito de **identidade**, uma vez que a pertença e o trabalho na Fosforeira se mostra um elemento identitário para os seus trabalhadores. Este conceito detém alguma complexidade, uma vez que não existe de forma isolada, implicando sempre um processo de negociação entre o “eu” e o outro. Esta noção está fortemente relacionada com a ideia de reconhecimento, na medida em que temos uma perceção pessoal mas devemos ter em conta a perceção dos demais.

A identidade sociocultural é uma noção fortemente relacionada com o sentimento de pertença de um indivíduo face a um grupo social, sendo este detentor de uma história que é partilhada por cada um dos seus elementos. Neste sentido, a identidade social mostra-se um elo de ligação entre os membros de uma sociedade, o que pressupõe a existência de símbolos comuns que distinguem uma comunidade das restantes. A identidade cultural é adquirida por meio da vivência social de um determinado sujeito, aliando-se assim à sua identidade pessoal.

Falar de identidade cultural é então falar de todo o tipo de património que a comunidade detém, fazendo parte da sua vivência e herança social, que tanto pode estar presente em espaços físicos e materiais como nas vozes de todos os elementos da comunidade.

Desde os primórdios dos tempos, muito antes da criação dos estabelecimentos de ensino, os seres humanos foram capazes de aprender e desenvolver novas formas de ser e estar no mundo, refletindo e mobilizando os seus conhecimentos de forma a solucionar os seus problemas e conciliar tanto interesses individuais quanto coletivos (Canário, 2006, p.16). No entanto, com a emergência do modelo escolar, a escola deteve o monopólio da educação, responsabilizando-se pela formação de crianças e preparação para a vida em sociedade (Antunes,2015), o que iniciou um processo de desacreditação dos saberes adquiridos fora da esfera escolar, procedendo ainda à exclusão de todos os que não possuíam certificações escolares.

Normalmente o termo Educação encontra-se diretamente associado ao espaço de ensino- escolas e universidades-, ou seja, instituições responsáveis pela alfabetização e formação humana.

A educação, nos vários níveis, formal, informal e não formal constitui-se enquanto meio de disseminação de conhecimento, seja através de materiais físicos como livros e manuais escolares, seja através do enraizamento dos mesmos no senso comum, ou ainda de discursos mediatizados na comunicação social e nas instituições de poder.

Os locais de trabalho constituem-se como espaços de elevado potencial formativo, são espaços de socialização, onde vão sendo interiorizados, consciente ou inconscientemente, os valores e normas de ação que vão construindo um “mundo” institucional onde predomina a aquisição de conhecimentos específicos. Quando falamos de educação nesta esfera referimo-nos à Educação/ Formação de Adultos ou ainda como Educação Permanente.

Os processos de socialização profissional devem reconhecer-se enquanto processos que se estendem ao longo da vida ativa dos sujeitos, na medida em que se tratam de processos sociais coletivos, onde as aprendizagens não são geradas nas estruturas formais de educação como são as escolas.

Os locais de trabalho consideram-se como espaços de formação, na medida em que favorecem o desenvolvimento de processos de educação não-formal e informal. Não estando desprovida de estrutura, as aprendizagens desenvolvidas no local de trabalho têm por base circunstâncias reais de trabalho, assente nas práticas laborais. Estas aprendizagens constam de um processo multifacetado tendo como fim a obtenção de competências. Neste caso o trabalho é encarado enquanto processo de aprendizagem, na medida em que se aprende mediante a execução das atividades laborais, as competências para solucionar problemas que se possam apresentar no quotidiano laboral. Assim sendo, a aprendizagem tinha lugar durante o desempenho das tarefas dentro do contexto laboral. A esfera social também ocupa um lugar de grande relevância, especialmente no que diz respeito aos processos de transmissão de conhecimentos e comunicação entre pares e os seus superiores (Onstenk ,1995).

A aprendizagem no contexto laboral não se resume a uma adaptação a novas exigências, mas também ao seu contínuo aperfeiçoamento, tudo isto resultando na aquisição de novos conhecimentos de forma crítica, o que permitirá que o trabalhador consiga mobilizar os conteúdos apreendidos em distintos momentos da sua vida laboral.

Nos nossos dias , a Educação de Adultos é concebida como “processo permanente que se confunde com o processo de vida de cada indivíduo” (Pires, 2012, p.18). E, esta perspectiva teve a sua génese no pós Revolução Francesa, ou seja, no século XIX como forma de dotar as populações com as ferramentas necessária ao pleno exercício do sufrágio, outros elementos que vieram dar sentido à educação de adultos foram a formação dos sistemas escolares- que vem destacar a importância do acesso à instrução- e desenvolvimento de movimentos sociais. Mais tarde, com o fim da Segunda Guerra

Mundial, dá-se a consolidação da educação de adultos. É neste período de tempo que se dá um notável incremento da oferta educativa, fruto do reconhecimento do direito à educação.

A partir da segunda metade do século XX, a Humanidade depara-se com a necessidade de distinguir as diversas modalidades educativas, dada a crescente visibilidade dos processos educativos não formais. Rui Canário(2006) classifica a educação não formal enquanto situações educativas onde o educador é o “outro” com o qual interagimos. Segundo (Gohn,2006),o local onde se educa tem um peso fulcral no processo, na medida em que este acompanha toda a trajetória dos educandos. A situação educativa é construída nos espaços de ação, tendo uma intencionalidade e procurando construir conhecimento acerca do entorno que rodeia o educando assim como as relações sociais que este vai estabelecendo, tornando-os em cidadãos plenos.

Capítulo III

3. Percurso Metodológico:

A metodologia é de suma importância num processo de investigação que tem em vista a produção de conhecimento científico. O conceito significa “caminho para realizar algo”. O método biográfico permite a aplicação de técnicas empíricas no estudo do discurso dos agentes sociais (Monteiro, 2005). Segundo a autora, este método não se reduz à reconstrução da vida de uma pessoa, mas também uma reflexão sobre si próprio, no sentido de transmitir as suas experiências.

Neste capítulo irei refletir e dar conta da metodologia a que recorri no percurso de estágio. Ao longo do trabalho fui procurando mobilizar estratégias que me possibilitasse conhecer melhor a realidade da Fosforeira, assim como estratégias para conhecer e apreender a maior quantidade possível de informações acerca do contexto e dos seus atores.

Recorri fundamentalmente à metodologia da História Oral, na medida em que o foco do meu trabalho focou a compreensão de dimensões subjetivas no contexto da Fosforeira Portuguesa. Este posicionamento supôs a participação dos atores que participaram neste contexto, de modo a procurar compreender e analisar a complexidade e a heterogeneidade presente em todas as histórias de vida.

3.1. “Garabatos”² : o desenho do projeto

O que me motivou a trabalhar as memórias dos trabalhadores da Fosforeira Portuguesa foi o desejo de mostrar a enorme importância que a firma teve na história do

² A palavra “garabatos” provém do castelhano e significa rabiscos. Este nome foi escolhido devido a que, antes de iniciar a escrita do relatório, os apontamentos iam-se acumulando e, a minha avó perguntava-me o que eram esses “garabatos”.

município de Espinho, enfatiza pelo facto de não existir qualquer tipo de documentação ou acervo relativo a ela.

A história da Fosforeira acaba por encontrar-se com minha história familiar, uma vez que durante a minha existência ouvi relatos e lidei com alguns dos trabalhadores da Fosforeira.

Assim, torna-se, a meu ver, pertinente recolher e construir documentação que faça notar o património da Fosforeira, ressaltando o potencial educativo que esta documentação poderia proporcionar.

Uma vez que não existiam documentos na posse do FACE, acabei por iniciar a minha pesquisa através dos Anais de Espinho, de 1985-1926 e 1926-1960 respetivamente. Nestes, consegui recolher dados relativos ao anúncio da construção da Fosforeira, assim como informações acerca da primeira Assembleia Geral, o que acabou por facultar elementos sobre algumas entidades que faziam parte dos quadros da Fosforeira Portuguesa aquando da sua génese.

No seguimento deste processo de pesquisa, foram encontrados alguns trabalhos académicos relativos à indústria dos fósforos e sobre a cidade de Espinho.

3.2. Entrada no contexto

Depois de o pedido de estágio ter sido aceite pela Câmara Municipal de Espinho, foi necessária uma reunião para a assinatura do protocolo, onde se definiram, para além do horário e da duração do estágio, o tema do projeto que se iria desenvolver. Desde logo, o orientador local e Diretor do Museu Municipal de Espinho, Dr. Armando Ribeiro mostrou interesse pelo tema – a Fosforeira Portuguesa- mas ao mesmo tempo não conseguiu esconder a sua inquietude sobre a quase inexistência de fontes para consulta. Nesse momento pude reconhecer que o meu trabalho seria o primeiro acerca da Fosforeira, o

que me deixou por um lado bastante animada, mas ao mesmo tempo insegura perante a ausência de um "guia" que poderia consultar quando me sentisse menos orientada. No entanto, empreendendo a motivação de tantas pessoas que fizeram parte da história da Fosforeira, comecei a tentar falar com algumas pessoas da minha família para ir começando a destacar sujeitos que pudessem participar do meu projeto.

Sempre disposto a auxiliar, o orientador não hesitou em procurar alguns contatos que poderiam ser pertinentes para a realização do projeto, assim como, procedeu ao enquadramento histórico de Espinho, tanto ao nível social como da indústria. Nesta etapa, a orientação do Dr. Armando Ribeiro tornou-se fulcral, na medida em que me forneceu os Anais de Espinho que, apesar de terem informações escassas acerca da Fosforeira, acabaram por facilitar a minha compreensão sobre o que era Espinho na época em que a Fosforeira foi criada, assim como o papel que a indústria em geral- e a Fosforeira em particular- desempenharam na afirmação de Espinho enquanto cidade.

Através do contato com o arquivo de imprensa presente na Biblioteca Municipal pude completar alguns elementos da história conhecida da Fosforeira, algo de suma importância na medida em que não existiam quaisquer vestígios do que teria sido a história da Fosforeira. Face a esta enorme lacuna comecei por destacar alguns grandes temas para poder desenvolver um guião de entrevista aos ex-trabalhadores da Fosforeira, enquanto tentava arranjar encontros com pessoas que se iam destacando nos acervos da Biblioteca, como era o caso do diretor da firma aquando do seu encerramento, que acabou por ficar responsável da mesma depois de as portas fecharem.

Para poder aceder ao maior número de pessoas que tivesse feito parte desta realidade, recorri à rede social Facebook, pensando que mesmo não conseguindo aceder diretamente às pessoas, seria um bom meio de dar a conhecer o projeto. De início, comecei a ser contactada pelos trabalhadores e alguns dos seus familiares

As tentativas de contacto com peças-chave foi morosa, na medida em que foram muitos os silêncios e, posteriormente, os casos de pessoas que mesmo depois de já terem

gravado a entrevista, decidi que não queria participar e me comunicaram que não poderia usar esse depoimento. Esta sucessão de ocasiões menos agradáveis acabou por despertar um certo desespero, uma vez que se estenderam até muito perto da conclusão do relatório, tendo mesmo de retirar os depoimentos do texto final, por terem sido mobilizados no capítulo a eles destinados.

Ao longo do período de estágio procurei sempre aproveitar as oportunidades de entrevista ou conversas que as pessoas tinham comigo acerca do que era o dia-a-dia na Fosforeira, algumas delas sendo através do telefone.

Pesquisa bibliográfica e imagética prévia

Ao iniciar o meu processo de investigação acerca de dados sobre a Fosforeira, pensei que desde início iria ter acesso a um enorme acervo documental, nomeadamente, documentos legais respetivos à sua criação, plantas dos espaços iniciais e das posteriores alterações, recortes de jornais sobre as situações referentes à Fosforeira que tinham sido destacadas pela imprensa, entre outros documentos que me facilitassem a compreensão daquela realidade que me era tão familiar mas ao mesmo tempo tão complexa. Porém, face à inexistência de tal acervo na posse da Câmara e ao desconhecimento do paradeiro de tal documentação, restou-me trabalhar e procurar encontrar um pouco mais de informações em alguns documentos escritos que estavam presentes na Biblioteca, os Anais de Espinho que me foram fornecidos pelo orientador e alguns dados demográficos que pude ir retirando de um ou outro trabalho académico. Esta análise, que ocupou quase um ano de pesquisa, foi feita em simultâneo com a realização do guião de entrevista e com a realização das entrevistas em si, na medida em que o acesso ao acervo de imprensa nem sempre podia ser feito.

Através deste levantamento de informações foi-me possível localizar no tempo os diferentes acontecimentos da vida da Fosforeira, bem como corroborar diversas informações que iam sendo recolhidas no decorrer de conversas com espinhenses acerca

do impacto da Fosforeira para o local. Apesar de as fontes escritas serem escassas, foi possível ter acesso a informações sobre alguns aspetos que teriam necessariamente que fazer parte do guião para a entrevista com os trabalhadores.

Entrevista

O ato de comunicar supõe sempre o relato, seja de informações sobre nós mesmos, seja sobre os demais que nos rodeiam. Os relatos revelam os sentidos, posições e interpretações que todos nós vamos desenvolvendo à medida que vamos tentando construir a nossa realidade. Os depoimentos encontram-se fortemente carregados de elementos identitários, podendo ser entendida nas palavras de Ricoeur (1983) como *identidade narrativa* pois faz parte de um processo de construção e reconstrução identitária à medida que a narrativa decorre, sendo ajustadas segundo o sentido que se afere às ações e momentos vividos. Deve reconhecer-se que os depoimentos nem sempre são coerentes, uma vez que os narradores podem estar, como nos apresenta Bordieun(2007), sob a influência da *ilusão biográfica*, tendo como resultado a existência de alterações na narrativa, procedentes da atribuição de novos sentidos ao vivido.

Na ótica do estágio desenvolvido, esta fase da investigação surge como um dos momentos fulcrais do trabalho de investigação, uma vez que se trata do contato direto com os trabalhadores da Fosforeira, cujas vivências e memórias são determinantes para uma reconstrução mais fidedigna do que seria a empresa. Dada a mobilização de memórias transversais a toda a vida destes trabalhadores, optei por recorrer às histórias de vida.

Segundo Conejo (2005) a utilização das histórias de vida surge enquanto rutura com o antigo ideal de cientificidade, privilegiando um trabalho de investigação indutivo e exploratório, optando por práticas que realcem o sentido atribuído às experiências

buscando implicar-se numa relação de proximidade compreensiva, contrapondo-se assim, a uma compreensão redutora dos factos.

As entrevistas realizadas tiveram o objetivo de se constituírem enquanto fonte de informação. Para o sucesso desta etapa tornou-se necessário pensar num guião de entrevista. Solicitei desde cedo a intervenção quer do orientador local – responsável pelo sucesso de tantos e tantos trabalhos neste âmbito- quer da responsável pelo Serviço Educativo como meio de enriquecer o guião com aspetos que se tornassem pertinentes para o maior número de dimensões possíveis.

Conjuntamente com os responsáveis acima indicados, pude obter um guião dividido em oito grandes categorias- algo que depois me facilitaria proceder à análise das mesmas. Resultou assim o primeiro bloco de perguntas, relativo à identificação do entrevistado (a), onde se apresentaria informações mais pessoais acerca destes trabalhadores, mas que foram um importante contributo para a compreensão, em especial, da idade e por isso em que espaço de tempo desenvolveram funções na Fosforeira. Na grande maioria dos casos, nesta fase já se revelavam aspetos como o número de anos que tinham estado na Fosforeira ou se algum familiar já tinha exercido funções nesta. O segundo bloco tratava as informações acerca da infância dos trabalhadores, onde foi possível depreender quais as condições económicas e sociais de que os funcionários da Fosforeira gozavam anteriormente à entrada na empresa, outra informação importante que era possível retirar deste tópico foi saber se alguns dos trabalhadores tinham frequentado os Serviços Sociais da Fosforeira (Creche) e entender algumas das situações históricas que foram atravessando a infância destes.

No terceiro ponto começam a mobilizar-se as memórias relativas à Educação, procurando entender que nível de escolaridade tinham e como é que tinha sido a relação dos trabalhadores com a escola, quer na ótica da escolaridade regular como posteriormente se tinham acedido ao ensino recorrente. Neste ponto tornaram-se evidentes os apoios que a Fosforeira fornecia para que os filhos dos seus trabalhadores

estudassem, algo que é reconhecido pela grande maioria dos entrevistados. O interesse na formação depois de estarem inseridos no mercado de trabalho também foi enfatizado por alguns dos entrevistados.

Posto isto, o quarto grande grupo de perguntas refere-se ao mundo do trabalho e, dá espaço para que os entrevistados falem das suas experiências laborais anteriores à entrada na Fosforeira, caso estas tenham acontecido. Um dos factos mais frequentes, especialmente no caso do sexo masculino, foi o desenvolvimento de atividades da mesma área para a qual dedicaram o seu tempo na Fosforeira. O quinto capítulo mobiliza as memórias do trabalho na Fosforeira, onde os entrevistados são convidados a refletir e relatar as memórias vividas em várias dimensões do quotidiano, desde o momento em que iniciaram o seu trabalho na firma, passando pelas razões de ingresso, a descrição dos espaços e do ciclo de produção, as condições de trabalho que se lhes apresentaram- incluindo ainda a existência ou não de formação para o desenvolvimento das funções- e as condições de trabalho. Neste ponto chama-se ainda á reflexão acerca das relações dentro da Fosforeira, quer entre pares quer com os superiores, assim como propícia o relato respetivo à saída da empresa, caso esta tenha acontecido antes do seu encerramento. Dentro deste ponto foram tocados diversos assuntos, em particular informações sobre a atividade sindical dentro da fábrica – o que tornou necessária a criação de um ponto sobre a mesma no capítulo “Reacendendo Memórias”, assim como o seguinte grupo de perguntas. Neste, os entrevistados puderam falar sobre o seu envolvimento, quer associativo, partidário ou sindical.

Parte dos últimos tópicos da entrevista respeitam o processo de encerramento da Fosforeira e o envolvimento dos trabalhadores no mesmo.

Tendo em conta a publicação na rede social “Facebook” e os contatos que se foram realizando a partir deste, foi possível a compilação de uma lista de funcionários que mostraram interesse em ser entrevistados. No primeiro contato telefónico com os entrevistados, foi explicado o foco da investigação, assim como o que se esperava que

acontecesse durante o encontro. No mesmo momento, caso o trabalhador aceitasse participar, era inquirido acerca da possibilidade de gravação por áudio e vídeo, caso que foi aceite por quase todos os participantes, juntamente com a preferência do local onde se realizariam as entrevistas.

Neste projeto de investigação foram realizadas uma dezena de entrevistas a trabalhadores das diversas seções da Fosforeira, contando com o contributo tanto de homens como de mulheres. Porém, apenas sete entrevistas puderam ser mobilizadas para este relatório.

Constam como fontes os depoimentos de 3 serralheiros, um trabalhador dos serviços administrativos, duas operárias da produção e uma auxiliar das obras sociais, com idades compreendidas entre os 60 e os 80 anos, que exerceram funções mais ou menos até à mesma época. Também vale a pena ressaltar que a maioria de participantes que foram entrevistados tinham ligação com a atividade sindical ou com a Comissão de Trabalhadores, o que contribuiu em muito para a compreensão de factos mais legais acerca do enquadramento legal deste contexto.

Após o agendamento das entrevistas procedia-se à realização da mesma, num local sugerido pelo entrevistado, de modo a que estivesse o mais confortável possível. Na sua maioria, as entrevistas foram realizadas na sala de reuniões do FACE, local que me era destinado para o desenvolvimento do estágio, no entanto, três das entrevistas foram realizadas em locais distintos, da preferência dos participantes.

Durante a entrevista, os entrevistados foram convidados a narrar as suas vivências, os seus sentimentos e os valores que estiveram presentes nas suas vidas.

A escolha deste tipo de entrevista veio conferir aos entrevistados e às suas narrativas um protagonismo, que por sua vez, permitiu a compreensão tanto da sua história individual como da história coletiva do contexto em que as pessoas participaram, permitindo que fossem destacadas as transformações que influenciaram os seus percursos (Medina, 2008: 79)

Enquanto entrevistadora, tentei chegar ao maior número de vivências do sujeito, focando o papel deste enquanto ator social, atentando que o entrevistado procuraria sempre validar a sua versão da realidade, pelo que, a minha função tinha como foco despertar o seu espírito crítico por forma a compreender a versão de cada sujeito.

O desenvolvimento da entrevista é um processo complexo que envolve o interlocutor e o investigador, mas também implica que exista uma rede alargada de relações sociais, históricas e culturais que nele interferem e lhe dão forma. Neste processo, o respeito pelas pessoas e pelos seus percursos é algo que deve ser transmitido a todo o momento para que os sujeitos possam sentir-se o mais confortável possível para partilhar as suas experiências. Deve ter-se em conta que o interlocutor/ narrador não conta a sua vida ao gravador à sua frente, mas sim à pessoa que está presente consigo no espaço (Medina, 2008).

Inicialmente, agendei antecipadamente o local e o horário de acordo com a rotina dos entrevistados, explicando de forma sucinta os objetivos do encontro assim como a pertinência da sua colaboração para o sucesso do trabalho, com o objetivo de transmitir confiança e transparência no decorrer do processo.

É de suma importância não apresentar um número elevado de perguntas, para que a narrativa do interlocutor não se prenda às questões do guião, o que se pretende deste encontro é que o interlocutor fale de forma livre e de acordo com a sua realidade, não se preocupando se a sua linguagem é ou não adequada. Cabe ressaltar que no contato telefónico no qual se agendava a entrevista, os futuros entrevistados eram inquiridos sobre os métodos de gravação, no caso, gravador e câmara de filmar.

Desde início procurei tranquilizar os entrevistados mais inseguros, explicando que iriam falar da realidade como eles a entendem, falando da forma que mais lhes convinha. No entanto, em alguns casos, tive que intervir mais do que o desejável, quando os interlocutores não conseguiam prosseguir nas suas reflexões, aspeto que era discutido no fim das entrevistas, nas quais alguns dos entrevistados me diziam que não sabiam o que

dizer e que foi bom eu poder orientar as suas ideias. Noutros casos, os interlocutores focaram tanto determinado aspectos ou acontecimento que, acabavam por descurar outros aspeto apesar da minha insistência.

Tive sempre o cuidado de não proferir opiniões ou defender determinado ponto de vista, nem no momento da entrevista, nem nos momentos próximos a esta. Procurei estar preparada para potenciais situações onde as emoções podiam ser mais notórias, como por exemplo falar da morte de algum parente ou familiar, ou mesmo no que toca à luta contra o encerramento da Fosforeira. Outra questão para a qual me tentei preparar diz respeito à existência de lapsos que poderiam ocorrer ao longo da narração, sendo que algumas vezes não agi da forma mais adequado, uma vez que algumas vezes acabava por “por palavras na boca” dos entrevistados, ou dar dicas do que poderiam querer dizer.

Após a realização dos encontros com os entrevistados e a transcrição dos mesmos, cabe-nos proceder à análise dos dados recolhido, sendo que a forma que considero mais pertinente de o fazer, é através da análise de conteúdo.

Análise de conteúdo

O documento resultante de um trabalho desenvolvido com fontes orais é desenvolvido pelo investigador, que transforma as entrevistas realizadas em fontes históricas através de um processo de tratamento das informações. Tal processo supõe a determinação de critérios que guiarão o desenrolar da ação, tendo como fim a afirmação do documento enquanto fonte credível.

Para iniciar este processo, procurei consultar literatura que se enquadra-se ao trabalho desenvolvido, por isso, baseei-me em parte na tese de Manuela Terrasêca (2002), na qual a autora aborda a análise de conteúdo no contexto académico. Um dos pressupostos defendidos pela autora reside no facto de a pessoa investigadora não conseguir distanciar a sua pesquisa do seu percurso de vida, ou seja, enquanto investigadora, não me conseguir

abstrair do meu individual no momento de analisar os depoimentos e constituí-los material empírico.

A questão reside nos seguintes factos: conheço grande parte das pessoas que entrevistei e tinha um background de lembranças sobre a Fosforeira que me tinham sido narradas pela minha família. No entanto, sempre tive presente a ideia que necessitaria de correlacionar os depoimentos e o quadro teórico, de modo a poder entender tudo o que estava a ler. Todavia, a familiaridade com as pessoas que entrevistei e a linguagem por eles usadas aumentou a minha capacidade de compreensão dos mesmos.

Deste modo, iniciou-se uma leitura flutuante do *corpus* de análise recolhido, com o intuito de ter uma percepção alargada sobre o tipo de categorias que poderiam ser criadas. Após a leitura, foi desenvolvida uma matriz para a elaboração da análise de conteúdo das entrevistas, onde começaram a definir-se os excertos que podiam fazer parte da grelha de análise, para melhor compreender os resultados do processo de investigação.

Bogdan & Biklen (1994), definem que no contexto apresentado (trabalho de investigação qualitativa) não basta apenas a recolha dos dados e a sua posterior apresentação. Torna-se necessário um trabalho de interpretação destes dados, supondo a sua organização e divisão em unidades de compreensão na busca de padrões para descobrir os aspetos destacados como importantes e que, por sua vez, devem ser transmitidos.

À partida, as categorias de análise estavam definidas desde início, tendo como suporte as questões que elencaram o guião da entrevista- que tinham sido pensadas tendo em vista os contributos que fariam parte do trabalho final. Criei então duas grelhas de análise de conteúdo, sendo uma relativa aos dados retirados dos depoimentos dos trabalhadores e outra referente à informação presente no arquivo de imprensa. Embora possam ser encontradas algumas semelhanças na composição das categorias gerais, a análise dos depoimentos dos trabalhadores torna-se mais diversa, uma vez que os excertos estudados constavam do arquivo do mesmo jornal.

Segundo Vala (1986), a análise de conteúdo detém como finalidade “ efetuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas”, ou seja, através do processo de análise, tive que organizar as informações recolhidas em grelhas de análise para poder mais facilmente destacar o que era dito sobre determinado tema ou problemática e, a partir daí, iniciar o processo de registo e “discussão” dos resultados obtidos. Neste caso este processo culmina na produção de uma pequena reconstrução do contexto da Fosforeira Portuguesa.

Questões éticas

Trabalhar no âmbito da História Oral supõe uma reflexão criteriosa no que diz respeito às questões éticas que este implica. Mostra-se necessário que o investigador tenha um forte comprometimento com a honestidade e o respeito pelas pessoas e pelo material construído. Supõe ainda um compromisso com a verdade e o esforço pela compreensão do sucedido, respeitando a existência de uma multiplicidade de narrativas e versões.

Dada a minha relação com o contexto e com quem lá trabalhou, devo dizer que encontrei algumas dificuldades em controlar algumas questões que se poderiam manifestar menos positivas para o projeto.

Dada a minha proximidade com muitas pessoas que trabalharam na Fosforeira, tomei a decisão de recorrer aos meus familiares apenas para perguntas exploratórias, explicando que poderia ser uma desvantagem entrevistá-los uma vez que, inconscientemente poderiam ocultar factos tantas vezes comentados em conversas familiares. Uma vez entendida esta questão, comecei por recorrer às redes sociais, em especial ao Facebook, por ter conhecimento de uma página onde se publicavam fotos antigas do concelho e, onde os residentes frequentemente expressavam as suas lembranças sobre momentos vividos nos lugares eternizados pelas fotografias. Em primeiro lugar comecei por deixar um comentário numa foto da Creche da Fosforeira, onde explicava que em breve iniciaria um projeto com as memórias dos trabalhadores, de onde começaram a surgir respostas

com alguns nomes de pessoas que poderiam estar interessadas em participar. De seguida publiquei na página principal um pequeno texto a explicar no que consistiria o projeto, uma vez que as pessoas que se estavam a mostrar interessadas não tinham tido num contato direto com a Fosforeira, apenas sabiam algumas coisas. Nesse excerto expliquei que o meu interesse era entrevistar pessoas que tivessem trabalhado lá, ao que começaram a responder pessoas tanto nos comentários como através de mensagens privadas.

Acabei por estabelecer contatos telefónicos com essas pessoas, para poder explicar melhor no que consistia o projeto, o que resultou numa semana de telefonemas e explicações incessantes, que me possibilitaram desenvolver uma lista de possíveis interessados nas entrevistas, assim como mapear algumas fontes fotográficas que essas pessoas poderiam fornecer para uma futura exposição.

Todo este envolvimento virtual resultou numa rede de lembranças que se iam construindo nos comentários das publicações, pelo que, em Dezembro decidi criar um grupo (após a sugestão da minha orientadora) para os ex-trabalhadores poderem ir partilhando algumas lembranças do que tinha sido o seu trabalho, o que estranhamente não revelou grande adesão.

Tentei distanciar-me de pessoas que já conhecia, porque, se por um lado mostraram logo interesse e foram-me falando sobre o tema, por outro lado, no momento da entrevista, esta proximidade poderia fazer com que algumas pessoas se retraíssem a dar algumas informações ou omitirem alguns detalhes por admitirem (Bourdieu, 2007), especialmente as da minha família, que aquilo que iam contar já era do meu conhecimento.

Sendo este um trabalho realizado para a comunidade e com uma parte da comunidade, torna-se ainda necessário equacionar as questões da confidencialidade, anonimato e privacidade dos sujeitos, o que na minha opinião seria uma perda, uma vez que a identidade do narrador faria com que aquela voz tivesse um nome e aquela história tivesse um protagonista. No entanto, face às questões com que me deparei na parte final no trabalho, as desistências em concreto, decidi que o melhor a fazer seria deixar apenas as

iniciais dos nomes dos trabalhadores, uma vez que tinha sido essa a estratégia que tinha utilizado na organização da grelha de análise.

Capítulo IV

4. Reacendendo Memórias: uma história por contar

Segundo os Anais de 1985-1926, a 20 de dezembro de 1925 anunciava-se o aparecimento da Fosforeira Portuguesa, sendo apresentada como uma indústria que viria contribuir em muito para o desenvolvimento económico de Espinho, que na altura era uma Vila. A construção da Fosforeira mostrou-se um importante fator de progresso para Espinho, assim como um enorme contributo para a afirmação do lugar enquanto centro industrial.

O mesmo documento informa que esta construção parte da iniciativa do banqueiro António Vieira Pinto, sendo este um dos donos do Banco Pinto Sotto & Mayor, algo que não é confirmado nos depoimentos dos trabalhadores, que defendem que a Fosforeira é criada no seio de uma sociedade entre portugueses e espanhóis.

Sobre a origem da empresa e sobre os fundadores da Fosforeira existe uma questão em aberto, uma vez que não há uma versão única. Alguns dos trabalhadores afirmam a mesma versão que os documentos que fui encontrando, enquanto que, uma parte considerável dos entrevistados afirma que a sociedade tinha como principal acionista o Sr. Ildfonso Fierro. Porém, existe a concordância no que toca à existência de legislação que proibia negócios totalmente estrangeiros no nosso país, pelo que tornou-se necessário recorrer a sócios portugueses, um deles José Caeiro da Mata. Segundo um dos depoimentos, tanto Fierro como Caeiro da Mata detinham 40 % da fábrica cada um, sendo os restantes 20 % distribuídos por pequenos acionistas espinhenses. O mesmo relato adiciona ainda o facto de existirem mais fábricas da Fosforeira pelo mundo, especialmente na América Latina (Venezuela, Peru, Equador e Argentina), existindo ainda uma Fosforeira em Marrocos.

Ainda no que toca aos fundadores da Fosforeira, em Agosto de 1946, o Jornal “Defesa de Espinho” publica um artigo acerca da inauguração das instalações da Creche, onde se pode ler que a obra era demonstrativa da boa-vontade da administração” (...) chefiada

pelo distinto engenheiro sr. Basílio Caeiro da Mata e seu digno sogro, o sr. Ildelfonso Fierro, principal fundador da Fosforeira Portuguesa”

Esta firma ocupava três quarteirões em Espinho , numa zona onde predominava a indústria e que, até há poucos anos exaltava as grandes empresas que caracterizavam Espinho

“(…)um era onde estava a Creche e o Refeitório, que por trás tinha um estaleiro, onde se armazenavam os toros de madeira bruta de pinho e de choupo, depois a madeira era descascada e o pinho era cozido a vapor; tínhamos o quarteirão da fábrica que tinha um armazém pequeno para as matérias do dia-a-dia, tínhamos produtos explosivos: o clorato que é explosivo e por isso eram guardados em paióis nos extremos das fábricas, para segurança. No outro quarteirão era onde se guardavam as matérias que não tinham tanta rotação: caixas de cartão, palito importado da Letónia, que vinham em contentores que eram armazenados lá...”
(AF, p.6),

O edifício das Obras Sociais, inaugurado em Agosto de 1946, situa-se ainda hoje na Rua 20 e encontrava-se dividida em dois corpos distintos, a Creche- dedicada às crianças com idades entre um mês e os dois anos de idade, e o Recreio Infantil dedicado às crianças dos 2 aos 7 anos de idade. A Creche estava, segundo os registos do “defesa de Espinho”, sob a alçada da enfermeira D. Maria Helena Pinheiro da Silva. No mesmo artigo indica-se que as instalações contam com uma enfermaria que já contava com um aparelho de raio-X, onde as crianças que eram dispensadas devido a doença passavam o seu dia. Encontra-se ainda relatado que os medicamentos requisitados pelo médico que pertencia à Fosforeira eram do encargo da Direção da Empresa, sendo a assistência médica totalmente ilimitada para os filhos dos operários. No primeiro ano de vida as crianças eram pesadas todas as semanas- as mais velhas eram pesadas quinzenalmente- de modo a existir um plano de alimentação adequado para o seu desenvolvimento. No que diz respeito à alimentação das crianças, esta estava a cargo da Empresa, encontrando-se publicado a 7 de Agosto de 1946 que “(…)além de as alimentar convenientemente durante

o tempo em que as mães trabalham, fornece-lhes ainda os alimentos necessários para o período de tempo em que estão em casa.”

Tratava-se de uma das empresas com maior prestígio devido às condições que proporcionava aos seus trabalhadores desde a sua origem, o que se traduzia num nível de vida mais desafogado, algo destacado por alguns entrevistados que, cresceram com os pais empregados na Fosforeira:

“Não éramos ricos, mas vivíamos desafogados. Nunca nos faltou nada (...) festejávamos sempre- não sei como era com os outros- mas festejávamos sempre os anos (...) Costumávamos ir passar férias ao Douro” (ZP, p.2)

Alguns relatos revelam que, por causa da Fosforeira ter fábricas noutros lugares do mundo era frequente que os trabalhadores portugueses, especialmente os fabricantes das máquinas, se deslocassem por um determinado período de tempo, havendo algumas vantagens financeiras para esses trabalhadores:

“ (...)há muito prédio aqui em Espinho que era de gente que estava na Fosforeira e foi para a de lá e foi investindo o dinheiro ganho lá” (VC, p.7)

Como era característico do operariado da época, existiam sempre algumas necessidades nas casas dos seus trabalhadores, porém, todos os entrevistados, alguns deles filhos de trabalhadores da firma, afirmam que, graças aos apoios prestados, não passavam tantas dificuldades como outras crianças da mesma geração.

Segundo o Jornal “Defesa de Espinho” do dia 4 de Agosto de 1940, anuncia-se o início da construção de uma “Nova Fábrica” situada na Rua 14 em Espinho, “ (...) um novo edifício que se destina a uma fábrica de palitos de madeira para fósforos, propriedade da Sociedade Comercial do Tejo”. Segundo o escrito, esta construção seria o único no país, estando-lhe destinado “um brilhante futuro”.

Na segunda página do mesmo jornal, mas no dia 30 de março de 1941 dá-se a notícia de um incêndio que devorou grande parte da Fosforeira, classificando-a como a “Fábrica mais importante de Espinho”. A notícia relata que o fogo começou no espaço dedicado à

secagem dos fósforos de cera e no espaço de uma hora, dois terços da fábrica foram *lambidos* pelas chamas apesar dos esforços dos bombeiros provenientes das zonas que rodeavam o local, conseguindo salvar a sala de vapor e o local onde se guardavam as matérias-primas. Do mesmo excerto ressalta-se “A fábrica da Fosforeira Portuguesa era uma das poucas fábricas de Espinho estava em plena laboração, tendo para executar grandes encomendas de fósforos, especialmente destinados à Inglaterra”. Na mesma notícia pode ler-se que na altura, trabalhavam na Fosforeira “300 trabalhadores dos dois sexos”,

Durante a grande parte da sua existência, a Fosforeira mostrou-se um espaço laboral cobiçado “Era uma fábrica que toda a gente morria por ir para lá, toda a gente queria ir para a Fosforeira porque acho que era a única que dava as regalias que nós tínhamos” (CL, p.1), regalias estas que não só se aplicavam aos trabalhadores mas a toda a família, uma vez que “(...) era uma fábrica muito avançada para o tempo em que estava – tinha um médico pediatra na Creche, tinha uma Diretora da Creche e tinha uma enfermeira, disponibilizando também médico e enfermeiro na fábrica, as pessoas escusavam de ir perder tempo para o médico ou para o Centro de Saúde porque tinham o médico do trabalho. Três vezes por semana o médico aparecia na fábrica para dar consulta, e a enfermeira era todos os dias. Tinha também o Refeitório- criou-se o refeitório porque os operários traziam a marmita de casa e sentavam-se nos passeios a almoçar. Os diretores acharam aquilo um pouco degradante, que os operários comessem nos passeios, e então criaram o refeitório” (AF, p.2).

Contava ainda com uma Cooperativa de consumo, que vendia essencialmente mercearias, aliando-se ainda com algumas casas de comércio de Espinho, o que possibilitava que : “as pessoas que não tinham condições para comprar as coisas, porque muitas não tinham, a cooperativa passava uma requisição e o trabalhador sócio, neste caso, ia com esse documento ao estabelecimento e eles aviavam o que ele pretendia e depois cobrava à cooperativa. O trabalhador ia pagando à prestação.” (VC, p.10). O facto de aparecer o termo “sócio” neste excerto, é apenas empregue mediante a necessidade de

numerar as pessoas que faziam parte da Cooperativa, “(...) lá vendíamos os produtos ao preço do mercado só que havia um lucro e esse lucro, ao fim do ano, era distribuído proporcionalmente pelos sócios conforme o consumo, por isso é que era proporcionalmente. Também não fazia sentido eu gastar 100 euros e levar 50 de benefício e quem gastasse 400 levasse os mesmos 50” (VC, p.11)

Anualmente, realizavam-se diversas iniciativas nas quais todos os trabalhadores participavam, assim como festas que se realizavam na Creche, como as festas de Natal “onde vinham palhaços e depois distribuíaam brinquedos às crianças...eu nunca tinha tido brinquedos ... os brinquedos da Fosforeira eram os únicos que tínhamos (...)” (AF, p.6), festas de aniversário das crianças onde “(...)fazíamos bolinhos e cantávamos os parabéns, muita festa... Eles têm boas recordações... “(ZP, p.5) e o dia da Assembleia Geral, “faziam lá uma missa...e acho que era nessa altura que davam um mês de salário, meio mês de salário como compensação ...”(AS, p.7)

O espírito de companheirismo é algo eternizado ao longo de todos os depoimentos “As relações eram sempre boas, mas é claro que numa empresa grande há sempre fricções...” (VC, p.12), e “Com os chefes havia um certo à vontade...nós sabíamos o que tínhamos de fazer mas havia um certo á vontade” (AS, p.8). Este espírito é exaltado especialmente pelas entrevistadas (mulheres) “Com os chefes havia um certo à vontade...nós sabíamos o que tínhamos de fazer, mas havia um certo á vontade” (AS, p.8)

“nós negociávamos sempre os direitos de trabalho e o que era negociado era cumprido, mesmo quando tiveram o processo de despedimento... Quando estivemos nesse processo, podiam estar sobre pressão e atrasarem-se a pagar ou assim mas não, cumpriram religiosamente, inclusive havia um acordo que estava no contrato coletivo de trabalho : nós vínhamos de férias no mês de julho e já recebíamos o mês de setembro, ou seja, recebíamos o mês de julho, o mês de agosto e o subsidio de férias, no dia 31 nós trazíamos três ordenados para casa, estava no contrato e eles sempre cumpriram com isso. Foi sempre uma boa empresa.” (VC, p.13)

No entanto, face a morte do patrão, sem data indicada, e com a entrada de uma nova gerência (sobrinhos do mesmo), os empregados já sentiam que poderiam ocorrer

mudanças menos agradáveis na empresa, pensando mesmo que poderia conduzir ao fim da mesma. Com a queda do consumo dos fósforos “passamos a distribuir tabaco, foi isso que prolongou a vida da fábrica, porque tivemos uma proposta de uma tabaqueira espanhola que, aproveitando os nossos postos de venda de fósforos –quiosques e armazenistas- e aliá-los ao tabaco, porque quem tinha tabaco vendia fósforos. Então essa empresa propôs que distribuíssemos o tabaco nos nossos postos de venda de fósforos. Assim foi...durante dez anos fizemos essa distribuição. Isso fez com que a queda do consumo de fósforos fosse compensada pelo aumento da distribuição do tabaco, e isso possibilitou que a empresa sobrevivesse mais alguns anos.” (AF, p.6) no entanto, estes esforços não foram suficientes para que a Fosforeira se mantivesse de portas abertas: “eles pensavam que isto era uma mina, não estavam preocupados em saber como é que isto funcionava e abandonaram isto, quando chegaram à conclusão que isto não era a mina que eles pensavam, acabaram por fechar.” (VC, p.13)

Este processo foi lento e doloroso, mas sempre feito com a maior dignidade possível “(...) a empresa demorou dez anos a encerrar, mas era sempre reestruturada...isto é como um barco que se está a afundar, e tem que aliviar carga...então o que é que se fazia? Chegava-se a acordo com os trabalhadores, em idade de reforma ou estavam descontentes...a empresa acordava com os trabalhadores e aliviava o peso no orçamento. Quando começou a negociação éramos 200 e quando fechou éramos 40...em dez anos dispensou 160 trabalhadores – uns foram para a reforma e outros foram convidados a sair...” (AF, p.8)

Um dos exemplo disso foram alguns dos entrevistados como CL : “ Eu e a minha colega fomos chamadas, a outra também tinha problemas de saúde e nós fomos as duas primeiras a vir embora. Eu estava em casa com baixa e fui chamada à empresa, concordei e já não cheguei a ir trabalhar. Quando o resto dos colegas souberam eu já estava em casa com o contrato rescindido.”(CL, p.6) e DF : “Eu fui dos primeiros a vir, e quando me disseram eu encarei naturalmente, eu tinha poucos anos lá.(DF, p.5)” Ambos os entrevistados agiram com naturalidade perante o convite, uma vez que a situação da

empresa nunca tinha sido segredo para ninguém, de facto, é algo que se transparece durante todas os depoimentos, a ideia de que a Fosforeira iria encerrar mas que era necessário que todos lutassem e negociassem para saírem com a maior dignidade possível e para não saírem economicamente penalizados, sendo a Fosforeira elogiada até neste aspeto.

“Foi um processo um bocado complicado mas que valeu a pena, porque embora nos custasse muito, valeu a pena porque os trabalhadores não saíram penalizados, saíram penalizados por que na altura não havia trabalho, mas pelo menos com indemnizações que foram dadas a todos os trabalhadores com os anos de casa que cada um tinha, na altura foi pago mês e meio por cada ano, haviam lá trabalhadores com 30 anos de casa ou mais, foi tudo pago em função a última ordenado que ganhavam. No primeiro despedimento, os trabalhadores foram com um mês de trabalho, os outros também e os últimos levaram mês e meio por que fizeram finca-pé, lutamos sempre para que tudo funcionasse, embora soubéssemos de antemão que aquilo era para encerrar. Lutamos sempre, quando vimos que não havia mais hipótese, então fomos negociar, e tentamos que os trabalhadores levassem o melhor. (AMR, p.10)

4.1. Dentro da Fosforeira

A Fosforeira era uma empresa que ocupava vários quarteirões de Espinho, existindo o espaço da produção ao que se foi adicionando outros espaços como a Paliteira, a Cooperativa e a Creche.

A Paliteira apesar de ser dos mesmos donos, inicialmente pertencia à “Sociedade Comercial do Tejo” e destinava-se à produção de máquinas e do palito, esta sociedade funcionou durante muito tempo até que passou a fazer parte do capital da Fosforeira e esse espaço passou a ser destinado ao armazenamento das matérias primas e maquinaria. Depois, em 1946, surgiram as Obras Sociais.

Inicialmente, a Fosforeira continha diversas seções, separadas por paredes e com estruturas ainda confeccionadas em madeira “Aquilo havia uma seção de serralharia, havia um escritório e o resto do espaço era basicamente tudo amplo. As máquinas eram tanto de caixas como de carteiras era num espaço amplo, só havia uma divisão para a serralharia e o escritório” (DF, p.4). No quarteirão do infantário existia “o estaleiro das madeiras, onde se guardavam os toros- de pinho e choupo, que se compravam, que eram serrados e depois iam para umas máquinas para os desenrolar, faziam uma espécie de tiras e depois se produziam-se os fósforos a partir dos palitos e também os chamados “pentos” para as carteirinhas dos fósforos.”(VC, p.6)

Na década de 80 a administração decidiu renovar o espaço, uma vez em que as condições já não eram as mais apropriadas. Com a modernização das instalações foram feitas linhas de montagem, o que implicou que a fábrica se tornasse mais ampla, ficando isoladas apenas duas seções: a serralharia e a zona da produção das pastas por motivos de segurança.

Ainda dentro da empresa havia um altar “havia um altar a Nossa Senhora, logo que eu fui trabalhar fui convidada-eu e todas as colegas-a enfeitarmos o altar, então, todas nós uma vez à semana enfeitávamos um altar, a nossa senhora estava no fundo da fábrica. Pagávamos as flores e havia uma senhora que enfeitava. Também tínhamos uma coisa que não se via em empresa nenhuma- uma capela.” (CL, p.3)

O horário laboral iniciava-se maioritariamente às 8 horas “(...) havia necessidade de que algumas estruturas já estivessem em funcionamento quando o pessoal entrasse ao serviço, como o caso da caldeira, que era o que gerava vapor para derreter as parafinas e manter quentes as pastas- elas tinham que estar a 60 graus e as parafinas a 120 graus. Um dos trabalhadores- o fogueiro- entrava às seis da manhã para acender as caldeiras, porque às 7h vinha um senhor abrir os passadores de vapor das máquinas para começar a derreter as parafinas. Haviam dois senhores que iam fazer as pastas que também entravam mais cedo. Os maquinistas entravam mais cedo meia hora, às 7h e 30 min para começar a

carregar a máquina porque, quando chegasse o pessoal começar logo a descarrega, porque senão as pessoas tinham que estar ali pelo menos meia hora à espera”. (VC, p.8)

A produção era quase exclusivamente de fósforos, havendo ainda algumas tentativas de produção e comercialização de acendalhas para as lareiras. Ainda comercializaram tabaco e isqueiros espanhóis nos últimos anos de existência.

4.2. O mágico palito fosforado

O fósforo era o produto produzido e comercializado pela Fosforeira, podendo apresentar várias nuances, quer nos materiais dos quais provinha como da forma como se apresentava para o comprador. “ (...) no princípio tinha aquelas caixas, que nós chamávamos os miúdos, mas eram aquelas caixas pequenas de madeira, havia as carteiras de cera e de madeira...” (AS, p.6), para além destes tipos de fósforos “(...) fizemos uma temporada, umas acendalhas para acender as lareiras mas não foi um produto muito vendável então desistimos de o produzir” (VC, p.8), na última década de existência “Chegaram a comercializar tabaco espanhol e uns isqueiros espanhóis.” (VC, p.8).

A produção deste palito resulta de um complexo processo, mobilizando assim muitos profissionais e técnicas, sendo possível contar 400 operários no seu auge. Tal era a complexidade do ciclo de produção que a produção ocupava lugares distintos, por uma questão de segurança.

Inicialmente, as madeiras eram compradas em “Amidões na quinta, produzia-se muito choupo- e vinha um trabalhador da quinta todas as semanas trazer um camião de choupo. Também comprávamos pinho- o choupo era mais para as carteirinhas e o pinho para os palitos- tudo isso tinha custos. “ (VC, p.8)O processo iniciava-se por trás do edifício da Creche, onde se situava o depósito das madeiras (choupo e pinho), onde se encontravam caldeiras, onde estas eram cozidas para perderem a fibra, possibilitando a melhor manobra do material, sendo descascada finamente para depois ser encaminhada

para umas guilhotinas onde eram cortadas, formando-se assim o palito, também se produziam os “pentes” para as carteiras de fósforos. De madeira, eram produzidos dois tipos de fósforos, produzindo-se ainda os fósforos de cera, que consistiam em um papel que se passava por um “parafinador”.

Depois do palito feito, dirigiam-se à seção que se encontrava isolada uma vez que era a pastaria, onde se produziam as pastas químicas, compostas de enxofre e explosivo, para “fazer a cabeça”, “depois tem que ir secar naturalmente, fazia um percurso lá pelas máquinas perto de meia hora para depois vir para a caixa e não correr o risco de incendiar... e às vezes incendiava.” (AS, p.5)

Com o decorrer dos anos, os produtos foram sofrendo algumas alterações, nomeadamente no tipo de material utilizado “A partir de certa altura, começamos a deixar de fazer o palito cá, era importado a países da Escandinávia e da Letónia porque diziam que nos ficava relativamente mais barato, e por isso tínhamos baixos custos de produção nesse aspeto” (VC, p.8) e no tipo de maquinaria que era utilizada “entretanto isto foi evoluindo, a caixa passou a ser em cartão também, e portanto começou aí, começaram a ser feitas máquinas apropriadas para isso, e linhas de montagem para...lá está, para rentabilizar e reduzir ao pessoal. “ (AS, p.5)

4.3. Regalias

A Fosforeira Portuguesa disponibilizava uma série de regalias aos seus operários, bastante exaltadas ao longo dos seus depoimentos, que acendia o desejo de trabalhar em tal local, assim como um contentamento por parte dos trabalhadores.

Tratando-se de uma “empresa familiar” como é chamada pelos trabalhadores, a Fosforeira priorizava a entrada de familiares de outros trabalhadores para os seus quadros, daí quase todos os entrevistados terem presente nos seus depoimentos a lembrança da vida laboral de algum dos seus familiares. Aliado ao mesmo conceito, a empresa tinha

um edifício onde se encontrava a Creche. Este imóvel encontrava-se em frente do edifício de produção da Fosforeira e tinha como membros os filhos dos trabalhadores.

Face à conjuntura económica que a Fosforeira atravessou nos primeiros anos de existência, os entrevistados evidenciam e ressaltam a importância das latas de leite em pó que eram dadas aos trabalhadores para que eles pudessem alimentar as suas crianças enquanto estivessem em casa.

Outro aspeto que também realçado pelos entrevistados era a existência do refeitório e as condições que dispunha: “Quem não tivesse por qualquer motivo, dinheiro para pagar o prato, pelo menos a sopa tinha de borla.” - para além deste aspeto, também é enfatizado o propósito da criação do refeitório: antes da criação do edifício, os trabalhadores comiam nos passeios que rodeavam a Fosforeira, muitas vezes comida escassa e fria, o refeitório veio garantir uma refeição quente e um lugar próprio para os trabalhadores se alimentarem. Para além de um lugar para a realização das refeições, este espaço contava ainda, até ao 25 de abril, com o CAT (Centro de Alegria no Trabalho) onde os trabalhadores jogavam ping-pong, cartas, dominó entre outras distrações.

4.4. Dimensão educativa

No dia 4 de Agosto de 1946 o Jornal “defesa de Espinho” anuncia-se a festa de inauguração das Obras Sociais da Fosforeira Portuguesa- a Creche. Esta festa contou com a presença do Professor Dr. Caeiro da Mata- na altura, Ministro da Educação Nacional-, subsecretários da Educação e da Assistência, da Educação e da Colónias, os representantes dos ministros das Finanças e da Economia; o diretor geral das indústrias e governadores civis do Porto e de Coimbra, representantes das Câmaras do Porto e de Aveiro, o Bispo do Porto, entre outros. De Espinho, encontram-se presentes o Presidente e o Vice-Presidente da Câmara, representantes dos Bombeiros Voluntários de Espinho e outras pessoas notáveis do local. No dia da inauguração as instalações foram benzidas

Segundo o artigo, os convidados não pouparam elogios às instalações tanto da Creche. Nesse mesmo dia foi inaugurada a cantina, onde se realizou um almoço onde só em operários se encontravam 400.

A 18 do mesmo mês, o jornal ofereceu mais informações acerca da Creche da Fosforeira Portuguesa sob o título: “As Obras Sociais da Fosforeira Portuguesa constituem um notável exemplo de proteção ao trabalhador e carinho pelos seus filhos”. No documento realça-se o respeito e cumprimento das normas nas mais variadas dimensões, chamando à atenção as questões da higiene e do apetrecho das salas para as distintas idades.

Como empresa, a Fosforeira Portuguesa disponibilizava aos seus operários o acesso gratuito dos seus filhos à Creche, este podiam frequentá-la até aos sete anos de idade, idade com a qual ingressariam na Escola Primária, podendo assim existir muitos casos como o do entrevistado que citarei “A partir do meu primeiro mês de nascido entrei na Creche da Fosforeira. Todos os filhos cujos pais quisessem que frequentassem a Creche podiam frequentá-la até aos sete anos, idade em que se entrava para a escola primária” (AF, p.1).

Nestas instalações encontravam-se um médico pediatra e uma enfermeira em serviço, assim como auxiliares como a que tive oportunidade de entrevistar e descreveu muito resumidamente o dia-a-dia na Creche:

“As mães dar de mamar às nove, ao meio dia e às três da tarde. Nós arranjávamos os bebés, mudávamos a fraldinha e levávamos-lhos até á mãe. Tínhamos uns carrinhos, que eu não sei se era ferro e a parte de baixo era lona, mudávamos os carrinhos todas as semanas, mas, se a criança sujasse ou vomitasse era logo mudado, e quando era para a saída, deitávamos quatro no carrinho e levávamos para a porta, para as mães os irem buscar à saída.” (ZP, p,4)

Aquando do ingresso na Escola Primária, eram dados os livros às crianças que ingressavam no Ensino primário, havendo depois apoio às que prosseguiam estudos, sendo que todos os entrevistados e os seus filhos que frequentaram a Creche, têm todos como escolaridade mínima o Ensino Primário, procedendo muitos deles os seus estudos,

sabendo que mais cedo ou mais tarde teriam que deixar a escola para trabalhar. No entanto, cabe salientar que foram alguns dos entrevistados continuaram os seus estudos à noite, podendo assim ir aprofundando a sua área de atividade.

Cabe ressaltar que a exaltação da empresa como uma das melhores muito se relaciona com o facto de estas crianças, hoje adultos, terem tido acesso a regalias geralmente os filhos de operários não tinham, casos como as festas de aniversário e festas de Natal, assim como a oportunidade de intervenção médica desde tenra idade, devido à presença do médico e de enfermeira na Creche. É também relatado que a Cooperativa facilitava a compra de óculos e tecidos para as roupas das crianças, caso os pais assim o solicitassem. Estes detalhes fazem com que a grande maioria das pessoas com quem falei- senão a totalidade- mostrassem grande apreço por tudo ao que tinham acesso por serem filhos de operários da Fosforeira.

Apesar de muitos dos trabalhadores não terem iniciado o seu percurso laboral na Fosforeira, são nítidos os casos de trabalhadores que começaram a desempenhar funções semelhantes noutras firmas, mais explicitamente os serralheiros.

Todos os entrevistados frequentaram a escola, algo que, para muitos apenas era possível dados os incentivos da Fosforeira. Apesar de todos terem pelo menos o ensino primário concluído, são alguns os casos de trabalhadores que viram os seus desejos de estudar interrompidos:

“nós- as pessoas de fracos recursos, de recursos mais limitados- já sabíamos que aos catorze anos, se não fosse antes, tínhamos que trabalhar, e isso de certa maneira até nos...quase que desinteressava pelos estudos...porque já se sabia...” (AS, p.2)

No entanto, são também visíveis os esforços de alguns deles por prosseguir estudos “Depois dos catorze anos ainda fui estudar à noite” (AS, p.2). Considerando os casos de retoma dos estudos que pude apurar a partir das entrevistas, é possível alargar este interesse a mais alguns dos trabalhadores da Fosforeira “. Andava ali porque queria andar e isso foi importante porque eu esforcei-me. Naquele tempo o que chamava de Instituto das Obras Sociais da Caixa de Providência, que agora é a Segurança Social dava bolsas

de estudo, e eu na altura consegui duas bolsas de estudo, em função da minha aplicação ao estudo (...) chamava-se àquele curso Formação Técnica Industrial(...) Nós tínhamos mecânica, desenho esquemático... além da formação geral que era obrigatória. A par disto tudo... das disciplinas técnicas tínhamos as disciplinas de formação geral que era Geografia, História, português... curiosamente quando comecei a estudar, não havia Línguas nos cursos. Só quando vim é que já havia ou Inglês ou Francês, e aí ainda estudei um bocado de Inglês, nos três anos que me faltavam para acabar o curso.” (VC, p.5)

É ainda de notar o caso de um entrevistado, que começa desde jovem a trabalhar como paquete numa firma de carros no Porto e que, ao longo do tempo começou a exercer funções como administrativo, o que ele, ao entrar para gerente da Cooperativa da Fosforeira, tivesse a capacidade de mobilizar o que eram os conceitos e técnicas base do da sua experiência laboral anterior e conseguisse ir adaptando os seus conhecimentos consoante a realidade em que se encontrava inserido.

Dentro da empresa, entra-se numa esfera de formação, na medida em que “(...) as pessoas que nos ensinavam eram as mais antigas... A gente ia para a beira delas e começava a ganhar prática íamos fazendo como elas nos ensinavam.” (CL, p.2). Defendendo sempre uma atitude de abertura face à ideia de que a aprendizagem se vai desenvolvendo ao longo da vida, é ressaltado o sucessivo interesse por saber sempre mais por grande parte dos trabalhadores entrevistados “Há uma frase que eu tenho sempre na minha mente : “ o caso que eu resolvo hoje ajuda-me a resolver o de amanhã” e na nossa profissão é um pouco isso.” (VC, p.10) a citação anteriormente referida, ilustra fortemente a necessidade de dar sempre o máximo para poderem aprender sempre mais e assim contribuir para um maior sucesso na produção.

4.5. “Os filhos da Fosforeira”

Ao longo dos encontros com os trabalhadores da Fosforeira pude depreender a defesa do orgulho de terem sido trabalhadores da firma, sendo este sentimento partilhado pelos demais familiares. A imponência da Fosforeira, enfatizada ao longo dos testemunhos dos seus trabalhadores são sustentados através das memórias, que por sua vez criam uma identidade, que tanto podem ser individuais como coletivas. Através da análise dos depoimentos vim realçar a importância do contributo de “anónimos” para a criação de fontes históricas sobre determinada realidade, algo que é de suma importância neste caso, dada a ausência de fontes escritas sobre a firma.

“Eu posso-me considerar um filho da Fosforeira, porque eu praticamente fui gerado na fábrica- a minha mãe era operária fabril e o meu pai era afinador de máquinas. A minha mãe veio para a Fosforeira com 15 anos, vinha de Cortegaça (...) A minha mãe teve cinco filhos e todos nós andamos na Creche da Fosforeira (...)” (AF, p.1)- os casos como o deste trabalhador eram constantes, devido a que a Creche para os filhos dos trabalhadores era gratuita e, dispunha de condições que não eram comparáveis com as realidades muitas vezes vividas em casa, algo descrito por uma das auxiliares “Havia muita dificuldade (...) dei muito de comer, sobrava e ia para o balde da lavagem (...), e eu escondia e à noite dava ao filho que levava , e elas consolavam-se com o comer para elas e para os filhos” (ZP, p.6), no entanto, os entrevistados que viveram a sua infância na Fosforeira transparecem boas recordações desses tempos “. Na Creche fui muito feliz como todos os outros. Brincávamos e passamos lá o dia, porque o horário em que os nossos pais trabalhavam eram as horas que nós lá estávamos.” (AMR, p.1).

Tanta era a positividade de quem frequentou a Creche que, no dia em que tomaram a decisão de ingressar na empresa, desta vez para trabalhar, não mostraram sentimentos negativos “Surge uma vaga na Cooperativa porque o senhor que lá estava reformou-se, e então eu volto às origens, volto para a fábrica que ela precisou de mim... “(AF, p.5).

Os testemunhos recolhidos sobre as vivências e sobre o que eram as opiniões dos trabalhadores quase sempre eram proferidos no plural “Tínhamos”, “eramos”, “fazíamos”, estes são três pequenos que me transmitiram que realmente ali existia algo mais que um local de trabalho, “ (...)os serralheiros eram todos magníficos, ajudavam-nos como se fossem nossos familiares” (CL, p.3), podendo esta proximidade notar-se não só entre colegas como também com os seus superiores “- Eu acho que em certo ponto a

Fosforeira era considerada uma família... um dos patrões orgulhava-se de chamar-nos a Família Fosforeira... e realmente, as diferenças que existiam eram muito entre a massa salarial e a chefia... mas era algo muito esbatido porque a Fosforeira sempre reconheceu os seus trabalhadores(...)" (AF, p.7).

4.6. Relações dentro da Fosforeira

No que diz respeito as relações estabelecidas dentro da empresa, são poucas as situações nas quais os entrevistados falam de conflito contínuo. Todos os entrevistados mostram grande apreço pelos seus superiores e à Fosforeira enquanto instituição. A imagem do patrão era venerada pelos empregados assim como de alguns membros da administração.

Através dos arquivos de imprensa foi possível recolher alguns excertos que contribuirão para a compreensão das relações dentro da Fosforeira. No dia 4 de abril de 1941, 4 dias depois do incêndio da Fosforeira, o jornal "Defesa de Espinho" publica a presença de alguns elementos da administração (Dr. Basílio Caeiro da Mata e D. José Saraiba) de modo a conhecer os estragos e as necessidades para que a Fosforeira continuasse a funcionar. Também se deslocou ao local o Sr. Dr. Caeiro da Mata, que era antigo Ministro da República e sócio da firma. Um dos factos que vem ajudar na compreensão do afeto pela instituição reside no facto de a empresa ter sempre presente o emprego dos seus trabalhadores, algo que se verifica no excerto citado anteriormente "os operários da « Fosforeira» não conhecerão a situação de desempregados pois os empregados que trabalhavam nas seções devastadas pelo fogo trabalharão agora na remoção do entulho e nas obras de reconstrução que já foram iniciadas".

Ao longo da exploração de imprensa, fui-me deparando com excertos que não poupavam elogios à administração da Fosforeira, como o seguinte, que foi publicado em 1946, aquando da inauguração das Obras Sociais (Creche):

“As Obras Sociais da Fosforeira, em Espinho, são vivos e inapagáveis atestados dos dotes de coração, da generosidade daqueles dois ilustres homens que tão inteligentemente compreendem as necessidades e aspirações de quem trabalha honradamente e que, de forma tão admirável, entendem que o trabalhador produz tanto mais quanto menores forem as preocupações da vida e quanto maiores forem as comodidades que desfrutam no trabalho.” (Defesa de Espinho, 1946, p.3)

Cabe ressaltar que todos eles notam nos seus depoimentos a diferenciação de género, o que por si só transmite uma consciencialização do tom inadequado dessa atitude. Apesar de se reconhecerem que as mulheres ganhavam menos, houve mesmo uma queixa ao Ministério do Trabalho, devido à discrepância salarial face às funções exercidas.

Esta diferenciação torna-se evidente numa entrevista, em que a pessoa era uma mulher e desempenhava as funções de dirigente sindical no processo de encerramento da Fosforeira, chegando a ser levantado um processo contra ela.

“Uma vez tive quase um mês numa máquina sozinha, onde normalmente estavam duas pessoas e três, mas eu trabalhei e nunca baixei os braços. Como eles viam que não conseguiram, tentaram outra vez... Mas nós lá dentro psicologicamente tanto os dirigentes como os da comissão dos trabalhadores - mas com os homens ele tinha mais respeito - a delegada sindical e eu que era dirigente sindical eles queriam que nós fôssemos abaixo” (AMR, p.8)

4.7. Fosforeira: antes e depois do 25 de abril

Um dos períodos históricos mais destacado no decorrer dos depoimentos é o antes e o pós 25 de abril, especialmente no que toca às condições de trabalho que, apesar de os trabalhadores defenderem que eram boas, acrescentaram que eram algo artesanais, depois, a Fosforeira tornou-se um espaço de modernização e implementação de regras, especialmente no que tocava à Higiene e Segurança no Trabalho “depois do 25 de abril e com a abertura à Europa, tivemos acesso à higiene e segurança o trabalho, que passou a ser norma... aí já usávamos proteções para as mãos, botas com biqueira, as mulheres

usavam batas para não ficarem com os tecidos agarrados às máquinas e os cabelos. Houve uma preocupação para essa realidade.” (AF, p.7)

No entanto, as maiores discrepâncias foram sentidas ao nível das relações dentro da empresa, nas palavras de alguns dos seus trabalhadores:

“Acho que a Fosforeira na altura em que a gente foi para lá era mais sossegado antes do 25 de abril, embora não tivéssemos certas condições que só tivemos depois do 25 de abril. Eu acho que o 25 de abril foi bom para todos, mas no que toca aos sindicatos é claro que os patrões não gostavam e depois tentavam revirar-se contra nós “(CL, p.7).

“Uma vez tive quase um mês numa máquina sozinha, onde normalmente estavam duas pessoas e três, mas eu trabalhei e nunca baixei os braços. Como eles viram que conseguiram, tentaram outra vez...” (AMR, p.9)

Embora se tenha destacado os contributos positivos dos sindicatos ao longo dos depoimentos, existem algumas nuances apresentadas por alguns dos entrevistados:

” (...) com a ativação dos Sindicatos e das Comissões de Trabalhadores as relações começaram a tornar-se mais endurecidas. Existiam algumas fraturas entre um sindicato mais afeto aos trabalhadores e um mais afeto aos patrões. Isto tem a ver com a política da intersindical e do Partido Comunista, que antes não existia. (AF, p.7)

4.8. Desvanecimento

A Fosforeira Portuguesa fechou portas no ano de 2006, no entanto, antes do fecho definitivo, a massa de trabalhadores foi sofrendo alterações durante o período de dez anos, “ empresa demorou dez anos a encerrar, mas era sempre reestruturada...isto é como um barco que se está a afundar, e tem que aliviar carga...então o que é que se fazia? Chegava-se a acordo com os trabalhadores, em idade de reforma ou estavam descontentes...a empresa acordava com os trabalhadores e aliviava o peso no orçamento” (AF, p.8)

O início das negociações iniciou-se quando a Fosforeira contava com 200 trabalhadores e encerrou com 40. Destacaram-se três vagas de despedimentos, nas quais houve sempre a intervenção do Sindicato e da Comissão de trabalhadores, de modo a que a negociação fosse o mais vantajosa possível para o trabalhador. “No primeiro despedimento, os trabalhadores foram com m mês de trabalho, os outros também e os últimos levaram mês e meio porque fizeram finca-pé” (AMR, p.10)

A saída foi dramática, ainda tinha muito para dar à empresa, tinha 52 anos mas não era mais que os outros...tinha que entrar no mesmo barco- o fundo do desemprego e fechamos a empresa com a maior dignidade possível.” (AF, p,9)

Foi um processo longo e duro tanto para os trabalhadores como para os seus representantes:

“nesta parte do processo de encerramento, eu era dirigente sindical e um colega meu que tinha a comissão de trabalhadores, mas o Sindicato sempre trabalhou em conjunto com a comissão de trabalhadores, essa comissão trabalhadores foram pessoas que sempre quiseram dar o melhor aos trabalhadores, uma vez que já sabíamos que não havia volta a dar, então puxamos o máximo que podemos pelos trabalhadores, uma vez que estávamos naquela idade dos 50, 55 e era muito difícil arranjar emprego depois” (AMR, p.7).

Destaca-se ainda o esforço dos representantes na preparação do pessoal, uma vez que depois do anúncio de que a fábrica fecharia de vez, alguns trabalhadores já não queriam trabalhar.

Apesar disso, em especial os entrevistados envolvidos na atividade sindical, mostram um grande orgulho pelo imenso esforço face à realização de um acordo benéfico para os trabalhadores “(...) saímos do pêlo - eu em dois meses perdi 15kg- naqueles últimos meses saímos do pêlo, mas acabamos por fazer um acordo final razoável.” (AS, p. 11), algo que se comprova no excerto do jornal «Maré Viva» do dia 28 de setembro de 2006 quando se pode ler : “ Alexandre Silva, coordenados da comissão de trabalhadores garantiu ao jornal que os trabalhadores tinham ficado satisfeitos pelos seus direitos terem sido salvaguardados”

4.9. Após o sopro final

Dada a idade dos entrevistados aquando do encerramento da Fosforeira (todos com 50 anos ou mais) foram poucos o que conseguiram reingressar no mercado de trabalho, existindo ainda alguns casos, como DF

“(...) não tinha os anos suficientes para a reforma (...) mas Graças a Deus estive muito pouco tempo no desemprego- cerca de 6 meses e tinha por 3 anos. Concorri a uma empresa em Canelas de construção de máquinas de café, fui lá fazer o exame e fiquei lá até ao limite, estou reformado há cerca de um ano.” (DF, p.5)

e AF

“Ainda trabalhei os 38 meses do fundo de desemprego em atividade ocupacionais na escola onde estudei, Escola Dr. Manuel Gomes de Almeida e depois fui para a Domingos Capela, na secretaria e depois a lei permitia-me reformar e reformei-me e agora agora faço voluntariado na Paróquia de Espinho.(AF, p.9).

Noutros casos, a saída da Fosforeira teve um impacto diferente, apesar de sempre se transparecerem as dificuldades económicas que advém da ausência de um rendimento em casa

“depois do encerramento da Fosforeira minha vida teve uma reviravolta, quer dizer, tudo o que eu tinha teve que descer para metade, tudo foi reduzido para metade, porque o ordenado que tínhamos e as horas que fazíamos deram-nos um bom nível de vida e depois, teve que ser tudo cronometrado.” (AMR, p.10)

No caso deste depoimento, felizmente encontrou uma ocupação,

“e trabalhei em hotelaria em Espinho, na Marisqueira Espinho- Mar I e II e estive lá 8 anos...ainda hoje, a minha prima abriu esta petisqueira e eu vim para aqui para orientá-la na cozinha apenas por distração e porque o bichinho fica sempre” (AMR, p. 2).

“Tenho muita pena, ainda hoje faço por não passar onde eram os edifícios da Fosforeira. Hoje, existe lá um hipermercado e não consigo ir ao hipermercado porque olho para o chão e lembro-me “ eu trabalhei aqui tantos passos, dei tantos passos dentro desta superfície” e tenho muita pena, porque isto está marcado dentro de nós, os momentos bons e maus e eu tenho muitas saudades daquela empresa, alguns momentos menos bons mas foi quem nos ajudou a ser o que somos e isso dá muita pena.” (CL, p.5)

Apesar da tristeza que envolve o encerramento da Fosforeira e o seu recente desmantelamento, os participantes deste projeto de investigação mostraram muito agrado no facto de se estar a realizar um estudo sobre o que era a Fosforeira Portuguesa. A firma onde muitos deles cresceram e, após terem idade suficiente ingressaram para ajudar a que esta empresa se mantivesse ativa por longos anos, continua a ser lembrada pelos seus trabalhadores com grande apreço e carinho.

No de respeito aos restantes edifícios, nomeadamente o da Creche, sabe-se, através do jornal «Maré Viva» do dia 28 de setembro de 2006 que esta teria sido comprada pela Santa Casa da Misericórdia de Espinho, para a construção de uma instalação dedicada a doentes com Alzheimer, no entanto, até ao presente dia nada foi realizado, podendo estar em causa a perda de mais um elemento do património da comunidade espinhense.

Capítulo V

5. Depois das cinzas

Considerações finais

Tendo iniciado este 2º ciclo de estudos cheia de incertezas sobre qual seria o meu trabalho final, apenas posso concluir que este projeto estava guardado para mim, numa gavetinha do meu subconsciente e que, a necessidade de me sentir próxima de quem me abriu as portas para esta oportunidade, mesmo sem estar presente fisicamente, continuou a orientar-me para conhecer mais um pouco dele e do que eu fui capaz de fazer.

Nem todas as perguntas obtiveram respostas, e nem todas as expectativas foram cumpridas, mas este relatório constitui um pequeno esboço do que poderá ser um grande projeto de reconstrução de uma parte da cidade de Espinho.

Através do trabalho de recolha de memórias sobre a Fosforeira Portuguesa, consegui criar um pequeno aglomerado de informações de suma importância quer para a caracterização de Espinho e da sua evolução como acerca de um determinado modelo de indústria, que se mostrou tão característico.

As dimensões educativas presentes neste documento não são tão notórias como se poderia esperar, no entanto, é a partir do envolvimento político e sindical que a grande maioria dos entrevistados começa a reconhecer-se enquanto cidadão e a desenvolver um forte espírito reivindicativo que fez com que, juntamente com as entidades patronais, os empregados desta firma obtivessem o melhor acordo possível face à situação de encerramento da empresa. Tal formação ao nível dos valores fez com que, apesar de alguns dos seus trabalhadores já se encontrarem fora dos quadros da firma, ajudassem os restantes 40, os últimos a saírem, a terem condições ainda melhores a nível económico.

As memórias e as palavras de quem pisou aquela firma encontram-se agora, eternizadas com estes pequenos excertos que fui mobilizando, podendo ser futuramente fonte de aprofundamento e reflexão sob a óticas distintas.

Este pequeno registo veio reafirmar a importância que cada sujeito tem na construção de uma determinada realidade e que, a Fosforeira poderia ter sido uma fábrica exatamente como as outras, mas, com a entrega deste relatório, as pessoas poderão compreender o que cada um dos seus trabalhadores pôde vivenciar por entre as suas paredes.

Ultrapassando os contínuos entraves que foram surgindo ao longo do processo cabe-me ressaltar que muito do que gostava que fosse o trabalho sobre a Fosforeira não pôde ser realizado no período indicado para o estágio, na medida em que o processo dependeu em larga escala das fontes encontradas e das pessoas que se iam disponibilizando para as entrevistas.

O facto de ser a única pessoa a trabalhar no projeto trouxe-me vantagens, mas também algumas desvantagens que deveriam ser equacionadas para um futuro aprofundamento, sob a alçada de uma equipa multidisciplinar por forma a enriquecer ainda mais esta parte da história de Espinho.

Enquanto profissional na área das Ciências da Educação, coube-me desenvolver uma perspetiva relativamente aos contributos que as pessoas mais velhas detêm. Mais do que uma atividade pontual, deve constituir-se uma ação a partir do diálogo e do envolvimento de todos os participantes.

Tanto o trabalho de investigação documental como de recolha e análise de depoimentos pode vir a ser bastante aprofundado se estiver sob a responsabilidade de uma equipa multidisciplinar, na medida em que, para além das lentes das Ciências da Educação, a Fosforeira poderá ser reconstruída sob pontos de vista mais diversos e abrangentes, nomeadamente um elemento proveniente da História, Sociologia e da Arquitetura.

Apelando à colaboração mais direta da Câmara Municipal de Espinho, deixo sob a forma de sugestão a procura de materiais ainda existentes da Fosforeira, como o caso dos seus fósforos, caixas e carteiras de fósforos que ainda se encontram para venda (nomeadamente no OLX) e a realização de uma compilação dos mesmos. Ainda no que

diz respeito a fontes documentais, seria de suma importância da localização dos arquivos da Fosforeira, dos quais não há paradeiro conhecido mas, que, com uma maior divulgação da iniciativa poderiam ser encontradas algumas fontes escritas, nomeadamente, mais artigos de imprensa e documentação legal.

Apesar de não ter alcançado as respostas a todas as questões que pretendia, considero este relatório uma prova de trabalho cumprido, tanto a nível académico como pessoal, uma vez que o desenvolvimento deste projeto deu-me a oportunidade de conhecer uma parte da história da minha cidade que não me era totalmente conhecida e, com a realização deste trabalho de recolha de memórias pude fazer algo que me completa e faz imensamente feliz- dar a oportunidade de que uma história seja contada.

O sentimento que transborda da minha pessoa neste momento é de gratidão, por todos aqueles que me deram a oportunidade de poder realizar este trabalho, sabendo que, também eles se encontram felizes por terem um pedaço da sua história neste relatório, como o mostram as palavras de um dos participantes da pesquisa

“Apenas gostava de dar os parabéns à Daniela por estar a fazer este trabalho, tenho todo o gosto em estar a participar e colaborar neste seu trabalho de Mestrado... é um levantamento que deve ser feito e é sempre uma boa lembrança porque foi uma empresa que esteve aberta 80 anos , que empregou e ajudou muita gente, três gerações até e isso é de louvar, a sua atitude e a sua vontade de recordar e documentar esta nossa história...é muito gratificante ter uma estudante finalista a dedicar o trabalho final à escuta e levantamento do que nós temos para dizer. Dou-lhe os parabéns e desejo-lhe o melhor. (AF, p.10)

Referências Bibliográficas

Referências bibliográficas:

Araújo, António José Lopes. (2013) *Influencia do Mar na Morfologia Urbana de Espinho*. Porto, Universidade Fernando Pessoa

Barros, J.C., & Barros, M.M.L. (2014). Memórias de Velhos: Rememorando a Trajetória de Vida e a Sociabilidade nas Relações Familiares. *Revista Kairós Gerontologia*, 17(4), 337-358. São Paulo (SP): FACHS/PEPGG/NEPE/PUC-SP. URL:

<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/24246/17435>.

Bell, Judith (1993). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
Bourdieu, Pierre (2007). Compreender. Em Pierre Bourdieu, *A miséria do Mundo* (6ª ed., pp. 693-713). Petrópolis: Vozes.

Bosi, E. (2012). Memória e sociedade. Lembranças de velhos. (17ª ed.). São Paulo (SP): T. A. Queiroz.

COSTA, Mariana Santos; AMORIM, Fernanda. Diagnóstico Social do Concelho de Espinho. Espinho: Câmara Municipal, 2013

Couto, Helder (2008) *Turismo e Política de Turismo no Concelho de Espinho*. Aveiro, Universidade de Aveiro.

FERRIGNO, J.S. (2003) *Co – Educação entre Gerações*. Editora Vozes: São Paulo

Ferreira, Maneta, Fernandes, Tania e Alberti, Verena (2000) “História oral: desafio para o século XXI” Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85- 85676-84-1. Available from SciELO Books

Freitas, E.R., Barbosa, A.J.G., Scoralick-Lempke, N., Magalhães, N.C., Vaz, A.F., Daret, C.N., Peres, F.S., & Carvalho, M.F. (2013). Tarefas de Desenvolvimento e História de Vida de Idosos: Análise da Perspectiva de Havighurst. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 809-819.

Gohn, Maria da Gloria (2006). *Educação não formal , participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Ensaio: Avaliação das políticas públicas de educação, 14 (50), 27-38.

Lopes, António José Teixeira (2013) *Espinho no Limiar do século XX: o nascimento de um aglomerado urbano*. Porto: Edita-me

Marques, Joana Ganilho (2013). *Museus*

Matos, Ana Cardoso, Sampaio, Maria da Luz (2014). Património Industrial e Museologia em Portugal in *MUSEOLOGIA & INTERDISCIPLINARIDADE* Vol.11II, nº5, maio/junho de 2014

Montenegro, António Torres (s/d) *História Oral, caminhos e descaminhos* disponível em :
file:///C:/Users/up201303682/Downloads/4_historiaoralcaminhosdescaminhos%20(1).pdf

ONSTENK, Jeroen (1995) “A aprendizagem no local de trabalho no âmbito da reforma organizativa na indústria transformadora”, in *Formação Profissional* nº 5, CEDEFOP

Osorio, Agustín (2003). *A Educação Permanente e Educação de Adultos*. Instituto Piaget. Horizontes Pedagógicos

Pires, Adorinda de Lurdes (2012). *A Educação de Adultos: um novo desafio organizacional na Escola Pública*” (Dissertação de Mestrado) Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa

Ribeiro, Armando (2001). *Sociabilidades e Marginalidades em Espinho: práticas sociais, culturais e associativas (1889-1915)*. Porto (Dissertação de Mestrado)

Santos, Vitorino (2002) *Instituições e figuras do desporto da Freguesia de Espinho*. Espinho: Tipografia Meneses

Silva, Augusto Santos, & Pinto, José Madureira (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.

Silva, Augusto Santos (1990). *Educação de Adultos, educação para o desenvolvimento*. Edições ASA

Sottomayor, Fernando (2001) *A indústria dos fósforos: das origens ao monopólio (1862-1926). O caso do Porto*. Dissertação de Mestrado, FLUP: Porto

Trindade, B. (2010) *Animação Cultural e sua Intervenção na Terceira Idade*.

Thompson, Paul (2002). *A voz do Passado. História Oral*. S. Paulo: Editora Paz e Terra
Revista Práticas de Animação, ano 4, nº3

Legislação consultada:

Despacho nº 388/2015 de 14 de janeiro. Diário da República, nº 9-2ª série.

